



ARTES VISUAIS E FEMINISMOS

Série de vídeos para crianças

Juliana Zarur de Andrade Silva
Jorge Luiz Marques de Moraes



Rio de Janeiro, 2025.

**ARTES VISUAIS E FEMINISMOS:
série de vídeos para crianças**

Juliana Zarur de Andrade Silva
Jorge Luiz Marques de Moraes

**Artes Visuais e Feminismos:
série de vídeos para crianças**

1ª Edição



Rio de Janeiro, 2025.

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Juliana Zarur de Andrade
Artes visuais e feminismos : série de vídeos para crianças / Juliana Zarur de Andrade Silva ; Jorge Luiz Marques de Moraes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Imperial Editora, 2025.

89 p.

Bibliografia: p. 86-89.

Animações em vídeo acompanham o produto educacional.

ISBN: 978-65-5930-278-9.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Feminismo e arte. 3. Anos iniciais do Ensino Fundamental - Estudo e ensino. 4. Identidade de gênero na educação. I. Moraes, Jorge Luiz Marques de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

Ilustrações da obra: Juliana Zarur de Andrade Silva

Roteiro, narração, animação e edição dos vídeos: Juliana Zarur de Andrade Silva

Resumo

O documento apresenta o produto educacional *Artes Visuais e Feminismos: série de vídeos para crianças*, composto por quatro curtas de animação que exploram a interface entre Artes Visuais e Feminismos, voltados para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Um dos episódios discute as exclusões históricas no sistema de arte, enquanto os outros três foram inspirados em obras das artistas Itamara Ribeiro, Carla Felizardo (Negra Graffiti) e Roberta Holiday. Disponíveis no canal do YouTube Arte e Feminismos para Crianças, os vídeos têm como objetivo apoiar educadores(as) na inclusão de produções de artistas mulheres e de perspectivas feministas em suas aulas. O material é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/CPII), que envolveu entrevistas com docentes atuantes nos Anos Iniciais e buscou identificar estratégias e desafios para a abordagem de gênero e feminismo de forma sensível e representativa com crianças. Além dos vídeos, o documento reúne informações sobre as artistas, indicações de outras obras, um tutorial de Stop Motion e imagens sequenciadas das animações em formato impresso, possibilitando seu uso mesmo em contextos com limitações de acesso a recursos tecnológicos. A iniciativa também visa incentivar a criação de novos materiais audiovisuais com a participação de crianças e educadores(as), contribuindo para um ensino de Artes Visuais mais plural, inclusivo e atento às questões de gênero.

Palavras-chave: Arte feminista; Anos Iniciais do Ensino Fundamental; ensino de Artes Visuais; gênero e educação.

Sumário

6	Apresentação
8	Perspectiva feminista da pesquisa que originou a série de vídeos e a pluralidade de perspectivas feministas que esse projeto pode acolher
10	Justificativa para desenvolver um produto dessa natureza
14	A Série de Vídeos
14	Vídeo Invisibilidades
19	Vídeo Resignificando o bordado com Itamara Ribeiro
31	Vídeo Florescendo com Negra Graffiti
36	Vídeo Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday
46	Indicação
47	Breve comentário sobre o referencial teórico da pesquisa: um convite a leitura da dissertação
50	Tutorial de animação
59	Como as animações da série de vídeos foram realizadas
59	Criando um projeto no Canva
71	Imagens sequenciadas das animações
71	Invisibilidade
73	Resignificando o bordado com Itamara Ribeiro
79	Florescendo com Negra Graffiti
81	Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday
86	Referências

Apresentação

Professores e Professoras,

Este documento busca divulgar o produto educacional intitulado *Artes Visuais e Feminismos: série de vídeos para crianças*. É um conjunto de quatro vídeos de curta-metragem de animação que tratam da interface entre Artes Visuais e Feminismos.

Os vídeos da série são:

Invisibilidades – Discute como o Sistema de Arte, historicamente, vem excluindo certas narrativas e artistas. O vídeo abre espaço para refletir sobre sexismo, racismo e outras formas de exclusão presentes no campo da Arte.

Ressignificando o bordado com Itamara Ribeiro – Inspirado em obras da artista Itamara Ribeiro, o vídeo reflete sobre como a cultura sexista influencia os modos de agir e pensar das pessoas, determinando papéis de gênero que muitas vezes são impostos socialmente.

Florescendo com Negra Graffiti – Aborda a violência de gênero e outras formas de opressão, trazendo uma mensagem de resistência e potencialidade. O vídeo foi idealizado a partir dos murais em graffiti e das pinturas da artista Carla Felizardo (Negra Graffiti), ressaltando a importância da arte como meio de expressão e transformação.

Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday – Idealizado a partir do mural criado pela artista Roberta Holiday para o Museu Vivo Nami, abordando a violência moral e seus impactos. O vídeo propõe uma reflexão sobre esse tema delicado, mas essencial, trazendo a arte como ferramenta para o debate e a conscientização.

Os vídeos estão disponíveis no canal do Youtube Arte e Feminismos para Crianças (@artefeminismosparacrianças) e foram criados para serem utilizados em aulas de Artes Visuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. A intenção é que esses materiais não apenas auxiliem na abordagem de temas como gênero e sexismo, mas também incentivem professoras e professores a incluírem mais produções de artistas mulheres e perspectivas feministas em suas aulas.

Esse produto nasceu da pesquisa *Artes Visuais e Feminismo nos Anos Iniciais: criação de um produto educacional em vídeo*, desenvolvida

no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica (MPPEB/CPII). A pesquisa envolveu entrevistas com docentes de Artes Visuais que atuam ou atuaram até recentemente nos Anos Iniciais e identificou desafios, estratégias e possibilidades para trabalhar essas temáticas em sala de aula. A partir desses diálogos, buscamos construir um material que facilitasse o debate de gênero e feminismo com crianças e incentivasse práticas pedagógicas mais inclusivas e representativas.

Mais do que um recurso pedagógico, este material busca inspirá-los(as) a desenvolver produtos educacionais de animação ou a incentivar seus alunos e alunas a se dedicarem a produções desse tipo, seja explorando outras obras de arte com temática feminista ou propondo novas leituras para as já abordadas na série.

Temos planos de expandir esse projeto no futuro, criando animações sobre outras artistas e contando com docentes e estudantes colaboradores. Esperamos que essa iniciativa cresça e se multiplique, contribuindo para um ensino de Artes Visuais mais plural, representativo e sensível às questões de gênero.

Além dos Vídeos, este documento inclui:

- Informações sobre as artistas/ obras abordadas na série.
- Indicação de obras de arte que dialoguem com as obras e temáticas abordadas em cada vídeo.
- Um tutorial de Stop Motion caso você queira desenvolver materiais similares ou criar animações com seus alunos e alunas.
- Imagens sequenciadas das animações que permitem o trabalho com um material impresso, caso você tenha dificuldade de exibição de vídeos em sala de aula.

Esperamos que a série de vídeos e este documento contribuam para reflexões e práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de olhares e experiências no ensino de Artes Visuais. Que possamos, juntos(as), ampliar as possibilidades de discussão sobre gênero e feminismo com as crianças, ajudando-as a construir um olhar mais crítico e sensível sobre o mundo ao seu redor.

Juliana Zarur de Andrade Silva

Jorge Luiz Marques de Moraes

Perspectiva feminista da pesquisa que originou a série de vídeos e a pluralidade de perspectivas feministas que esse projeto pode acolher

A abordagem feminista que fundamenta a pesquisa que originou a série de vídeos não nega as diferenças anatômicas entre os indivíduos. No entanto, como pontua Louro (2014), essas diferenças são atravessadas por expectativas culturais e idealizações que resultam na imposição de categorias de gênero binárias.

Considerar apenas dois tipos de diferenças anatômicas – no que diz respeito as genitálias – como determinantes de quem é homem ou mulher é uma redução da complexidade biológica, já que pessoas intersexo existem. Essa mesma lógica reducionista se manifesta nos mecanismos sociais sexistas que buscam normatizar expressões de feminilidades e masculinidades, tentando encaixá-las dentro de padrões fixos e limitantes.

Ainda que o feminismo seja frequentemente associado à luta pela igualdade entre homens e mulheres, hooks (2019a, 2019b) problematiza essa concepção, apontando que as categorias “mulher” e “homem” não são homogêneas. Segundo a autora, as dinâmicas de opressão são moduladas por aspectos como raça e classe, e a luta feminista precisa considerar essas intersecções. Para a autora, o feminismo luta contra os mecanismos de opressão sexista que atingem a todas as pessoas de maneiras distintas, visto que gênero, raça e classe determinam intensidades de opressão diferentes. Refletir sobre esses mecanismos e sobre como contribuímos para a sua reprodução é essencial para uma prática feminista efetiva.

Esse entendimento do feminismo defendido por hooks (2019a, 2019b) e os estudos da autora sobre a temática serviram de base para a pesquisa e a criação dos vídeos, mas outras autoras do feminismo negro fizeram parte do referencial teórico da pesquisa. É preciso demarcar que as teóricas feministas negras sempre mostraram que as questões de gênero, devem ser tratadas de forma atrelada a outros marcadores como raça e classe.

A interseccionalidade se revela um conceito essencial para compreender como as opressões se sobrepõem e afetam mulheres de forma desigual. Essa perspectiva demonstra que a categoria “mulher” é atravessada por experiências distintas, já que sexismo, racismo e capitalismo atuam de maneira articulada na estruturação das desigualdades.

[...] A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais (Akotirene, 2019, p.19).

A discussão sobre gênero no ambiente escolar não deve ser restrita a grupos específicos, como as meninas ou aqueles que não se enquadram nas normas de gênero tradicionais. É necessário compreender que a opressão sexista impacta a todos(as), ainda que de formas distintas, e que também está atravessada por outras formas de discriminação. Professores(as) e estudantes devem ser incentivados a refletir sobre como reproduzem ou contestam esses mecanismos de opressão no dia a dia.

A pesquisa que embasa este produto educacional se alinha principalmente ao feminismo negro, tanto na análise dos dados quanto na interpretação das imagens utilizadas. Essa influência também se manifesta na série de vídeos produzida, embora tenham sido concebidos para que docentes possam utilizá-los em suas aulas a partir de inúmeras perspectivas.

Cada artista criadora das obras apresentadas no vídeos (ou das que venham a ser incluídas em vídeos futuros) possui uma visão particular do feminismo, assim como os(as) educadores(as) e os(as) estudantes que irão interagir com o material em contextos pedagógicos diversos. Por essa razão, o título do produto foi escolhido de forma a destacar essa pluralidade: *Artes Visuais e Feminismos: série de vídeos para crianças*. O uso do termo “Feminismos” no plural reflete a multiplicidade de abordagens e leituras possíveis dos vídeos existentes e abre espaço para pluralidade de criações futuras.



Justificativa para desenvolver um produto dessa natureza

Juliana Zarur de Andrade Silva

Quando retornei à escola onde leciono após o período mais crítico da pandemia da COVID-19, notei um aumento nas ofensas dirigidas às meninas e a outras crianças cujos comportamentos ou aparência não se alinhavam aos padrões culturais de masculinidade e feminilidade. Isso sugere que, durante os dois anos de isolamento, as crianças tiveram menos oportunidades de questionar os discursos sexistas presentes em seus lares e comunidades. Antes da pandemia, esses discursos eram frequentemente contrapostos por outras narrativas presentes no ambiente escolar e por práticas pedagógicas que contribuíam para a desconstrução de estereótipos e preconceitos de gênero.

Sempre busquei debater gênero e feminismo em minhas aulas, mas, após esse contexto, intensifiquei ainda mais essas discussões, trazendo com maior frequência obras de artes visuais feministas ou que permitissem leituras a partir dessa perspectiva para a sala de aula.

Durante esse percurso, identifiquei uma lacuna de estudos sobre a interface entre Artes Visuais e feminismos no contexto específico dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, intuí que muitos professores e professoras poderiam não se sentir à vontade para abordar a temática de gênero em sala de aula, devido às pressões exercidas por movimentos antigênero e antifeministas. Diante disso, decidi desenvolver uma pesquisa que evidenciasse as potencialidades das obras de arte atravessadas por questões feministas na promoção do debate sobre gênero e sexismo nas aulas de Artes Visuais dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Meu orientador, Jorge Marques, acolheu minhas inquietações, e seguimos juntos com essa investigação.

Busquei entrevistar professores e professoras de Artes Visuais com experiência em turmas dos Anos Iniciais na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo era compreender, entre outros aspectos, como a temática

de gênero e feminismo é abordada em sala de aula, quais referências imagéticas são utilizadas ou evitadas e quais desafios e facilidades esses docentes enfrentam nesse processo.

Com base nos caminhos e dificuldades apontados por eles e elas, pensei em desenvolver um produto educacional que explorasse as potencialidades de obras de arte com temáticas feministas e auxiliasse os professores na introdução ou aprofundamento dos debates sobre gênero e sexismo em sala de aula.

Um grupo de docentes destacou que a escassez de materiais didáticos e pedagógicos sobre gênero e feminismo voltado para crianças dificulta a abordagem desses temas no ensino de Artes Visuais. Nesse contexto, o produto educacional desenvolvido nesta pesquisa assume um papel relevante, pois busca reduzir essa lacuna e oferecer um dos muitos caminhos possíveis para que professores e professoras explorem essas questões em sala de aula.

De acordo com bell hooks (2019a), é fundamental que as crianças sejam educadas em um ambiente onde preconceitos sexistas não sirvam como referência para avaliar seus comportamentos. A autora enfatiza a importância de uma educação feminista de massa e de pesquisas voltadas à cultura juvenil. Ela nos provoca a refletir sobre maneiras de tornar o conhecimento feminista mais acessível – por meio de audiolivros, rádio, televisão e literatura infantil –, acreditando que essa disseminação contribui para a formação de autoestimas saudáveis.

Ao desenvolver este produto educacional, pretendi aceitar esse convite de hooks, criando um material que possibilite a introdução e o aprofundamento dessas discussões no contexto escolar, tornando o debate feminista mais próximo e acessível às crianças.

Durante a pesquisa, identificou-se que a prática docente foi impactada pelas pressões de segmentos sociais contrários ao debate de gênero nas escolas. No entanto, a maioria dos participantes revelou abordar essa temática de diferentes maneiras, demonstrando resistência e compromisso com a discussão no ambiente escolar.

O contexto social, marcado por pressões antigênero que buscam silenciar essas discussões nas escolas, e as recentes reformulações de políticas educacionais, que podem ser interpretadas como formas de re-

sistência a essas pressões, tornam esta pesquisa relevante para compreender tanto os desafios quanto as possibilidades de abordar feminismo e gênero com crianças no ambiente escolar.

Por um lado, as pressões do movimento antigênero resultaram na retirada de temáticas como gênero e sexualidade dos principais documentos curriculares, como a BNCC, além da tentativa de aprovação de diversos projetos de lei voltados à censura no ambiente escolar. No entanto, por outro lado, existem legislações que respaldam esse debate, e conhecê-las pode contribuir para reduzir o receio dos professores em se engajar em discussões sobre gênero e sexismo.

A Lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha), promulgada antes da BNCC, determina como diretriz para as políticas públicas “a promoção e a realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral [...]” (Brasil, 2006, art. 8º, inciso V). Além disso, aponta a educação como uma estratégia fundamental na prevenção da violência contra a mulher, estabelecendo medidas específicas para esse fim.

o destaque, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, para os conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher (Brasil, 2006, art. 8º, inciso IX).

No Fórum Mundial de Educação de 2015, realizado na Coreia do Sul, resultando na Declaração de Incheon, o Brasil, juntamente com outros países signatários, assumiu o compromisso de alcançar até 2030 metas voltadas para a promoção de uma educação mais inclusiva e equitativa. Os representantes reconheceram a importância de estudos que articulem gênero e educação em nível global e comprometeram-se a:

apoiar políticas, planejamentos e ambientes de aprendizagem sensíveis ao gênero; em incorporar questões de gênero na formação de professores e no currículo; em eliminar das escolas a discriminação e a violência de gênero (Unesco, 2015, p. 2).

Mais recentemente entrou em vigor a Lei nº 14.986, de 25 de setembro de 2024 que:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País (Brasil, 2024).

Também existe o *Manual de defesa contra a censura nas escolas*, elaborado com o objetivo de incentivar o debate público sobre a censura no ambiente escolar e fornecer subsídios para que as escolas possam enfrentar ameaças concretas que venham a sofrer (Manual de defesa contra a censura nas escolas, 2022). O documento apresenta um conjunto de decisões do STF, demonstrando que todas as leis e projetos de lei criados com o intuito de censurar debates críticos na escola, dentre eles debates de gênero, foram considerados inconstitucionais. Essas decisões podem servir como respaldo jurídico para assegurar que os trabalhos sobre gênero continuem sendo desenvolvidos e incentivados nas escolas.

[...] A segurança política que emana desse conjunto de decisões do STF, que, na prática, dão suporte e proteção ao trabalho de docentes e escolas contra ameaças e ações de censura. Tais ameaças devem ser combatidas [...] com ações de defesa jurídica e de natureza didático-pedagógica (Manual de defesa contra a censura nas escolas, 2022, p. 54).

Para aqueles que se sentem inseguros em se engajar nos debates sobre gênero e sexismo, mas reconhecem a importância de uma educação menos opressiva e mais acolhedora às diversas formas de existir, ter conhecimento das leis e contar com um material didático instrucional, construído a partir da escuta da experiência docente, pode ser um suporte valioso. Espero que seja!

A Série de Vídeos

Esta série foi desenvolvida para ser utilizada em sala de aula, com a mediação de professores(as) de Artes Visuais. O objetivo é oferecer caminhos que permitam às crianças explorar e questionar o conteúdo apresentado, sem substituir a experiência fundamental do contato direto com as obras originais.

Para estimular a curiosidade e o pensamento crítico, foram utilizados alguns recursos específicos na construção dos vídeos. Entre eles, destaca-se o uso de reticências nos textos, convidando os(as) alunos(as) a imaginar diferentes finais ou desdobramentos para as frases. Também foram incluídas perguntas abertas, que permitem múltiplas respostas, e expressões como “talvez”, que reforçam a ideia de que não há uma única interpretação correta.

Esses elementos foram pensados para criar um ambiente de diálogo e reflexão, onde as crianças possam compartilhar suas próprias leituras das animações e, assim, ampliar sua compreensão das obras e dos temas abordados.

Vídeo Invisibilidade



INVISIBILIDADE. [S.l.: s.n], 2025.
1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal artefeminismosparacrianças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c1f5I36ldvY>. Acesso em: 30 jan. 2025.

O vídeo foi criado a partir da constatação, durante a pesquisa, de que muitos(as) professores(as) entrevistados(as) desenvolvem abordagens pedagógicas voltadas para a representatividade de mulheres artistas — inclusive aqueles(as) que não tratam diretamente de debates de

gênero em sala de aula. No entanto, nem todos(as) abordam a política de invisibilização presente no sistema da arte. Por isso, este vídeo é sugerido como o primeiro da série a ser apresentado às crianças, com o objetivo de estimular reflexões sobre essa questão.

No vídeo, são apresentadas frases e perguntas mobilizadoras que incentivam a reflexão crítica sobre as dinâmicas de visibilidade e apagamento na história da arte. O objetivo é apoiar educadores(as) que já trabalham a representatividade de mulheres artistas, mas que ainda não utilizam o gênero como categoria analítica das imagens ou que não questionam o cânone artístico com seus(as) alunos(as).

Além de discutir a invisibilização das mulheres, o vídeo também abre espaço para reflexões sobre o apagamento de pessoas pertencentes à comunidade LGBTI+, de pessoas negras e indígenas, permitindo abordagens interseccionais em sala de aula.

As interpretações dessas camadas de significado ficam a cargo de quem assiste. Em diferentes momentos do vídeo, a figura do homem branco aparece de forma simbólica, representando tanto o autor da maioria das obras consagradas quanto o padrão dominante nos museus e nas narrativas artísticas tradicionais. Essa presença destaca como, historicamente, o homem branco foi associado à ideia de genialidade e autoridade na arte, definindo o que é considerado “boa arte” e quem merece o reconhecimento como gênio .

[...]os vetos às aulas de nu artístico, os essencialismos estéticos atribuídos a uma arte de mulheres, os mitos de genialidade e talento natural e a estratificação social, sexual e racial amplamente sedimentadas nas estruturas das instituições norteiam as exclusões e as possibilidades de uma mulher, ou qualquer outro sujeito fora do espectro da genialidade, de deslocar-se das expectativas sociais atribuídas a seu gênero, tornar-se artista e adentrar aos jogos de validação e circulação de seu trabalho em um campo majoritariamente de dominação masculina e europeia [...] (Trizoli, 2018, p.19).

Sugestão de obras que dialogam com a vídeo *Invisibilidades*

O vídeo *Invisibilidades* convida educadores(as) a explorar, com as crianças, as dinâmicas de apagamento e exclusão presentes no sistema da arte. Para ampliar essas reflexões em sala de aula, algumas obras de artistas e coletivos podem ser utilizadas como ponto de partida para conversas sobre representatividade, visibilidade e o papel das instituições artísticas. A seguir, apresentamos algumas sugestões, entre tantas possibilidades, que dialogam diretamente com as ideias trabalhadas no vídeo.

1. O Estranho Desaparecimento de V.C.B. (1976/2020), de Vera Chaves Barcellos

Link para a obra:

FONSECA, Raphael. **O estranho desaparecimento de Vera Chaves Barcellos**. Curadoria e texto: Raphael Fonseca. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2023. 60 p. Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de 06/05/2023 a 30/07/2023. Disponível em: <https://iberecamargo.org.br/exposicao/o-estranho-desaparecimento-de-vera-chaves-barcellos/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

O processo de apagamento de si, utilizado por Vera Chaves Barcellos nesta obra, inspirou a abordagem do apagamento de mulheres artistas no vídeo da série. A obra de Barcellos é composta por uma sequência de fotografias que mostram a artista surgindo e desaparecendo gradualmente da imagem. Embora não tenha sido criada com a intenção de abordar a invisibilização das mulheres no campo da Arte, a obra oferece uma metáfora poderosa sobre o tema. A ideia do “desaparecimento” pode ser explorada em sala de aula para discutir como muitas mulheres artistas foram apagadas da história da arte, tendo suas obras esquecidas, relegadas a segundo plano ou não expostas em museus.

Em entrevista a Liliam Maus (2014), citada por Trizoli (2018), Vera Chaves Barcellos afirmou não acreditar na existência de um silenciamento direcionado às mulheres artistas no Brasil (Maus, 2014 *apud* Trizoli, 2018).

Como a obra remete ao contexto da ditadura militar brasileira, o título da obra pode ser interpretado

[...]tanto como uma amarga memória às pessoas que desapareceram devido à violência estatal, quanto uma provocação em referência àqueles que tiveram de, momentaneamente, desaparecer do cenário brasileiro por perseguição política (Fonseca, 2023).

2. Queridas Velhas (2017), de María Gimeno

Link de acesso a imagens da performance: GIMENO, Maria. **Queridas Viejas.** 2017. 1 performance. Disponível em: <https://www.mariagimeno.com/QUERIDAS-VIEJAS-PROJECT>. Acesso em: 22 dez. 2024.

Nesta performance, a artista intervém no livro *A História da Arte*, de Ernst Gombrich, um dos textos mais usados em cursos de Arte no mundo. O livro original não inclui nenhuma mulher artista, e Gimeno corrige essa omissão inserindo páginas com informações sobre mulheres que deveriam estar na história. Durante a performance, a artista corta o livro com uma faca e adiciona as novas páginas, enquanto fala sobre a importância dessas artistas. Esta obra pode ser uma excelente ferramenta para mostrar às crianças como a história é escrita e como podemos questionar o que nos é apresentado como verdade absoluta.

3. Ação do Coletivo Nosotras Proponemos (2018)

Em uma intervenção no Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires em 2018, o coletivo apagou todas as luzes do museu, deixando iluminadas apenas as obras de artistas mulheres.

Giunta (2021) destaca que ações como essa ajudam a evidenciar a desigualdade na quantidade de obras expostas produzidas por mulheres em comparação às de homens, além de mostrar que, em muitos museus, as obras de artistas mulheres são frequentemente colocadas em espaços menos destacados ou, em alguns casos, nem sequer exibidas, permanecendo guardadas em depósitos.

O Coletivo *Nosotras Proponemos* é formado por mulheres artistas, curadoras, galeristas e pesquisadoras da área das artes, com a missão de questionar e enfrentar o sexismo presente no Sistema de Arte. Para

isso, o grupo desenvolve diversas ações que buscam incentivar reflexões e promover transformações nesse contexto. Entre suas iniciativas, destaca-se a criação da carta aberta *Não nos surpreende*, que tem como objetivo mobilizar profissionais do campo das Artes Visuais a reavaliar suas práticas e considerar de que forma podem estar contribuindo para a manutenção de estruturas sexistas, conforme trecho divulgado no *site* do coletivo:

[...] A carta aberta “Não nos surpreende” fez um “chamado às instituições, conselhos de direção e demais colegas para que reflitam sobre como desempenham, ou podem ter desempenhado, um papel na perpetuação de diferentes níveis de desigualdade de gênero e abuso, e como irão lidar com esses problemas no futuro”. Nesse compromisso com práticas feministas, propomos expandir a consciência sobre os comportamentos patriarcais e machistas que dominam o mundo da arte e regulam nossas formas de nos posicionar. Este compromisso se identifica, em primeiro lugar, com a histórica exclusão e desvalorização das artistas mulheres, mas suas propostas podem ser assumidas por mulheres, homens ou pessoas com identidades não normativas. Apresenta-se como um guia de práticas pessoais e institucionais que convidamos todos a seguir (Nosotras Propo-nemos, [2017?], tradução própria).

O documento pode ser lido na íntegra em:

NOSOTRAS PROPONEMOS. Nós propomos. [S.l.]:[2017?]. Disponível em: <https://nosotrasproponemos.org/nos-propomos/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

4. Cartaz das Guerrilla Girls para o MASP (2017)

Link para imagem:

GUERRILLA GIRLS. **As mulheres precisam estar nuas para entrar no museu de arte de São Paulo? Português.** 2017. 1 cartaz. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/as-mulheres-precisam-estar-nuas-para-entrar-no-museu-de-arte-de-sao-paulo-portugues> . Acesso em: 22 dez. 2024.

As Guerrilla Girls são um coletivo artístico conhecido por preservar o anonimato de suas integrantes por meio do uso de máscaras de gorila. Suas intervenções são marcadas por um caráter provocativo e impactante, com o objetivo de denunciar a falta de representatividade feminina em museus e instituições culturais. Uma de suas estratégias mais emblemáticas é a criação de cartazes que comparam o número de representações de mulheres nuas nas obras expostas com a quantidade de mulheres artistas presentes nos acervos dessas instituições. Essas ações, realizadas em museus de diversas partes do mundo, evidenciam a disparidade de gênero e reforçam a crítica ao sexismo estrutural no campo da arte.

Em 2017, o coletivo adaptou essa ação para o Museu de Arte de São Paulo (MASP), criando um cartaz com a provocativa pergunta: “As mulheres precisam estar nuas para entrar no museu?”. Segundo o *site* do MASP, a arte dos posteres dessa intervenção é sempre a mesma e o coletivo modifica apenas os dados do cartaz que dizem respeito a cada museu (Museu de Arte de São Paulo, 2017). O cartaz faz uma apropriação da obra *A grande Odalisca* (1814), de Ingres e insere uma cabeça de gorila nela.

Vídeo Ressignificando o bordado com Itamara Ribeiro



RESSIGNIFICANDO o Bordado com Itamara Ribeiro. [S.l.: s.n.], 2025. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal artefeminismosparacrianças. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=M7UgK4MyS_E. Acesso em: 4 mar. 2025.

Ressignificando o Bordado com Itamara Ribeiro foi idealizado a partir de três obras da artista Itamara Ribeiro. A produção artística de Itamara foi mencionada por docentes entrevistados(as) como mobilizadora

de práticas pedagógicas exitosas em torno da temática feminista, o que tornou natural o convite para que a artista fizesse parte desta primeira série de vídeos.

Para construir o vídeo, foi criada uma história fictícia que integra essas três obras. Elas abordam como, historicamente, o feminino tem sido associado ao lar e às tarefas domésticas, refletindo uma visão sexista da sociedade. A narrativa busca provocar reflexões inspiradas nos estudos de bell hooks (2019a, 2019b), que discutem como somos ensinados(as) a aceitar práticas sexistas como se fossem naturais. O vídeo também sugere que existem outras formas possíveis de organizar a vida familiar e os relacionamentos, baseadas em parceria e colaboração.

Ao longo da animação, são apresentados temas como a dupla jornada de trabalho, vivida por muitas mulheres, e a exaustão materna, resultado de uma sociedade patriarcal que atribui às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado das crianças. Essa visão de mundo reforça a ideia de que o cuidado de crianças não é uma obrigação compartilhada, excluindo os homens dessa função.

Além dessas reflexões, o vídeo também propõe uma discussão sobre a construção de padrões comportamentais de gênero e padrões estéticos brancos, que muitas pessoas sentem-se pressionadas a seguir. Em uma das cenas, a personagem negra observa, em uma revista, a imagem de uma mulher branca retratada como dona de casa. Esse momento a faz imaginar como seria tentar se encaixar nesses dois modelos impostos: o da estética branca e o da figura idealizada da dona de casa. A cena abre espaço para questionar como racismo e sexismo afetam a forma como as pessoas enxergam a si mesmas e suas possibilidades de vida.

No desfecho da história, sugere-se que a protagonista se dá conta de que existem outras possibilidades e trajetórias de vida que podem ser seguidas. As escolhas dela não se restringem às que aparecem no vídeo, mas também incluem aquelas que as próprias crianças, ao assistirem à animação, podem imaginar como alternativas. Trata-se de uma tentativa de ampliar a reflexão sobre as diversas maneiras de organizar a vida e os relacionamentos afetivos.

Na última cena, o personagem masculino aparece assumindo a responsabilidade pelo cuidado do(a) filho(a) e do lar. Pode ser interes-

sante pensar, junto com as crianças, na história desse personagem, que também foi ensinado a seguir determinados papéis e comportamentos, mas que realizou transformações para mudar sua postura e construir outro caminho para si. Quem sabe essa história, inspirada pelas obras de Itamara Ribeiro, não renda outros capítulos?

Itamara Ribeiro: a artista e as obras



Fonte: I.Ribeiro, 2017. Imagem cedida pela artista.

Itamara Ribeiro (1982 –) é natural de Casimiro de Abreu, no Rio de Janeiro, e reside em Belo Horizonte.

Suas obras combinam bordado, desenho e colagem e ela utiliza páginas de livros, jornais, partituras musicais e manuais de costura antigos — tradicionalmente direcionados ao público feminino — como suporte e materialidade. Itamara ressignifica o bordado, uma prática historicamente marginalizada no campo da Arte e associada ao passatempo feminino e ao cotidiano doméstico das mulheres, conferindo-lhe o status de obra de arte. A artista utiliza fotografias do próprio corpo como

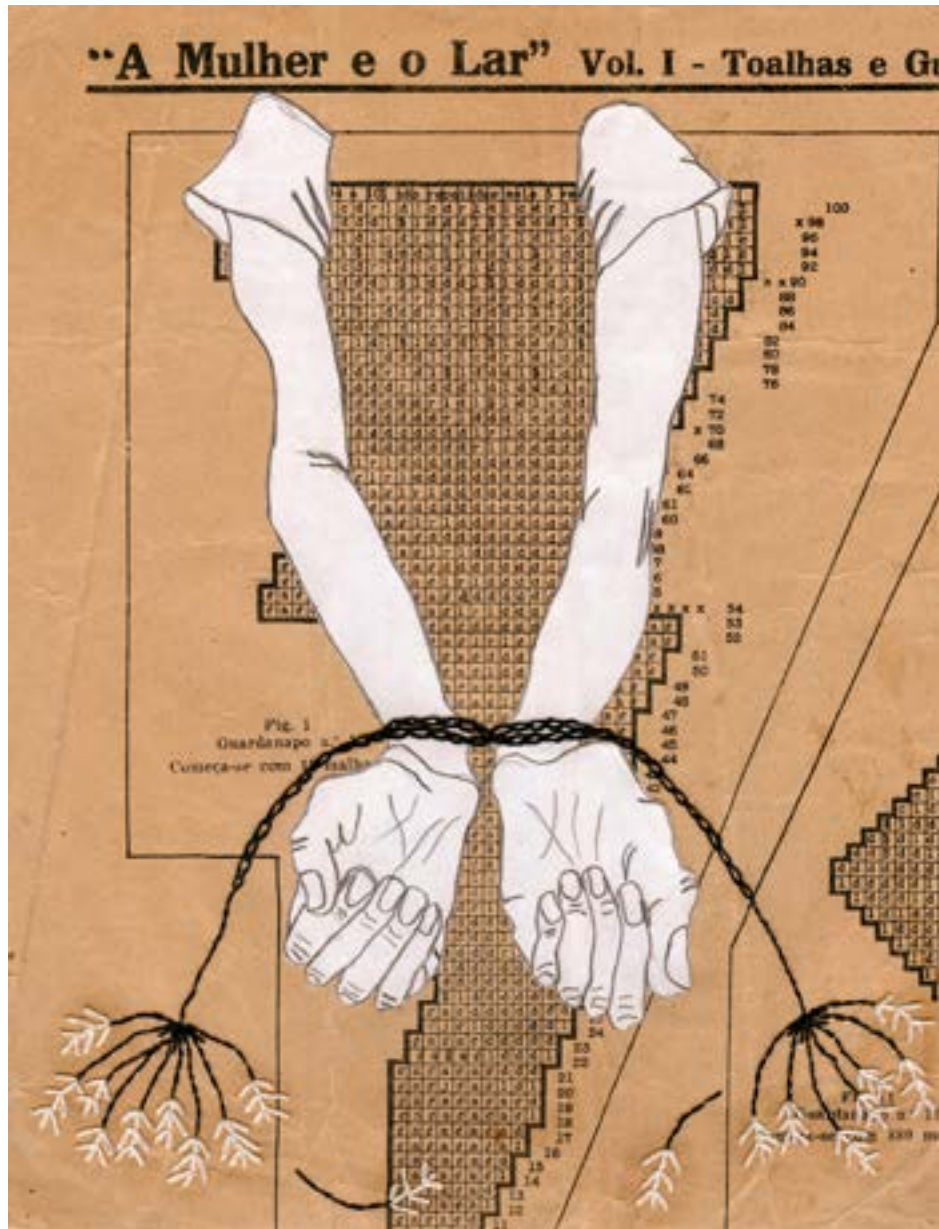
base para as silhuetas em papel branco que são frequentes em suas produções e tem uma vasta produção que pode ser acompanhada em seu Instagram: **@itamarasribeiro**.

No vídeo *Ressignificando o Bordado com Itamara Ribeiro*, aparecem duas obras da artista realizadas em manuais de costura da década de 1960. Nelas, Itamara questiona os ideais de feminilidade promovidos por esses manuais, direcionados ao público feminino. Essa crítica é evidenciada no trecho destacado da divulgação da exposição *Entrelinhas*, realizada no Espaço Arteducação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2023.

[...] Em suportes em papel, a artista faz intervenções nos antigos manuais e livros direcionados ao público feminino [...]. Entre assuntos comuns destas leituras figuram conselhos sobre como uma mulher deveria cuidar da casa, se comportar e se vestir, há também receitas culinárias e de artesanato para a “bela, recatada e do lar” se ocupar no contexto doméstico. Estes mesmos suportes disciplinantes e castradores de outrora recebem a arte transgressora da artista que questiona tais dizeres por meio de provocações, e literalmente, alfinetadas em cada composição. Além do específico suporte de papel e do bordado, outro elemento presente nas obras desta artista é o desenho de figuras do corpo feminino, para tal, a artista revela que seu processo acolhe experiências de fotoperformance com seu próprio corpo para encontrar a expressão e o gesto desejado em cada desenho (Espaço Arteducação, 2023).

Na obra *A Mulher e o Lar*, as mãos da figura feminina – colada sobre uma página do *Jornal das Moças* – estão envoltas por uma flor bordada, criando uma sensação de aprisionamento. Elementos tradicionalmente ligados à feminilidade, como o bordado e a flor, assumem destaque na composição. A flor, em especial, como observa Simioni (2019), foi um tema recorrente nas produções de mulheres artistas do passado, tanto por ser considerada de menor valor na hierarquia da Academia de Belas Artes — e, por isso, mais adequada às mulheres — quanto por funcionar como símbolo da feminilidade em pinturas que as representavam.

Na obra de Itamara Ribeiro, contudo, esses símbolos ganham uma dimensão opressiva, funcionando como metáforas visuais dos estereótipos que limitam e dos papéis de gênero impostos. A obra pode nos levar a refletir sobre os condicionamentos culturais que sustentam o sexismo, por meio de imagens que desafiam e questionam essas normas estabelecidas.



Fonte: I. Ribeiro, 2015.

Embora os manuais usados por Itamara Ribeiro nas obras mencionadas neste documento sejam da década de 1960, eles refletem ideais de feminilidade presentes no Brasil desde o período imperial e reforçados pela mídia até os dias atuais. Um exemplo disso é a matéria “Bela,

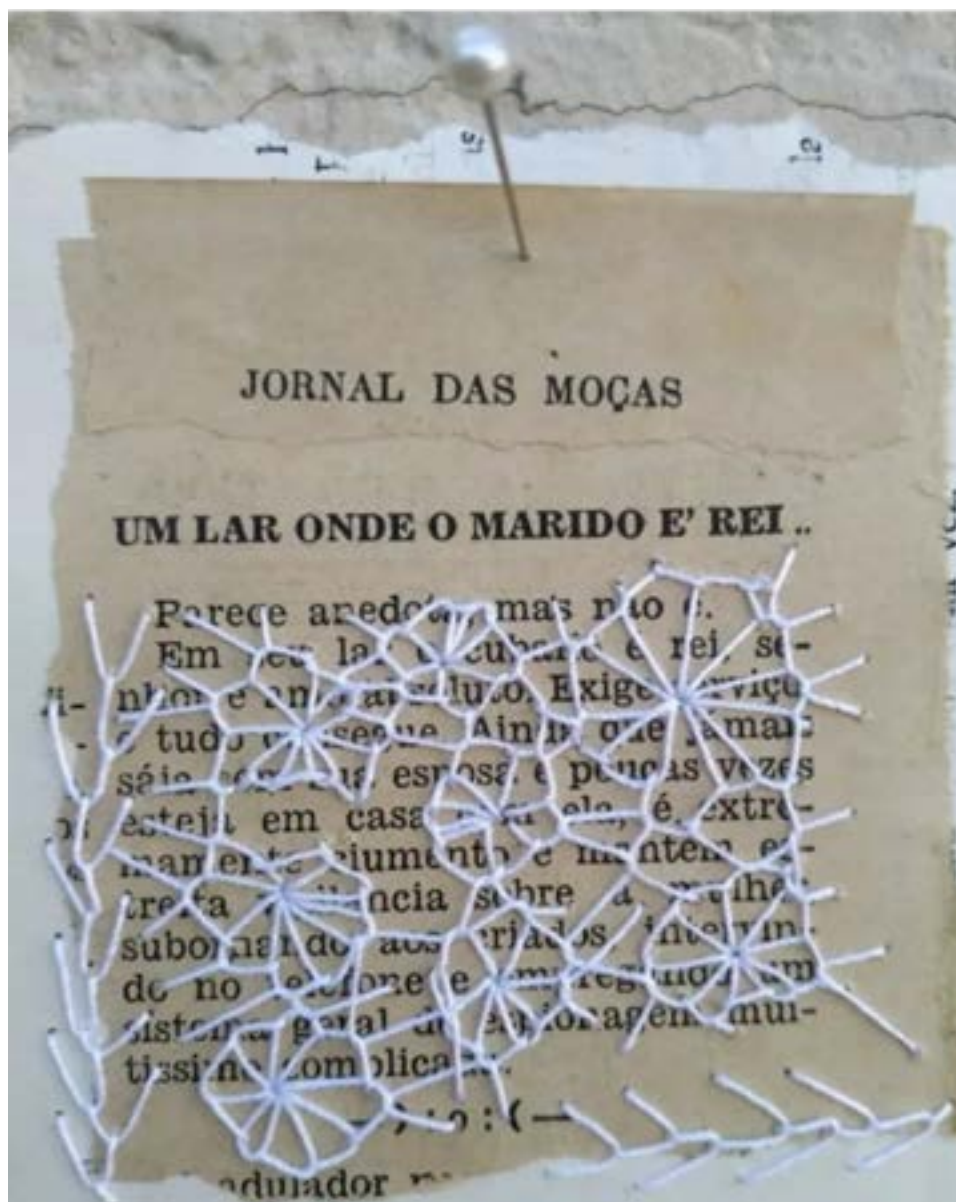
recatada e do lar”, publicada pela revista *Veja* em 2016 sobre Marcela Temer, então primeira-dama do Brasil. O texto a apresentava como o modelo ideal de mulher, “[...] a sombra, nunca à frente [...]” (Ribeiro, 2018, p. 114).

Em *Para as tarefas caseiras, muita elegância*, Itamara Ribeiro borda um avental e o rosto da modelo que aparece em uma das páginas de uma enciclopédia de trabalhos manuais. O bordado oculta o rosto da mulher, retirando-lhe a identidade e reduzindo-a à função de dona de casa — um papel social historicamente assumido como “natural” para as mulheres. A obra nos convida a refletir sobre como a sociedade anula individualidades e busca padronizar as pessoas com base no que culturalmente foi definido como próprio ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento.



Fonte: I. Ribeiro, 2023a.

Outra obra utilizada no vídeo foi criada por Itamara a partir de um recorte do *Jornal das Moças*. A artista bordou sobre a reportagem, dificultando a leitura do texto original, mas preservou o nome do jornal — que evidencia seu público-alvo — e o título da matéria: “Um lar onde o marido é rei”.



Fonte: I. Ribeiro, 2023b.

Se tentarmos ler o que está por traz do bordado, percebemos que ali é narrado o controle abusivo de um tipo de marido sobre sua esposa. Um marido que pouco fica em casa, dá pouca atenção para esposa, mas é ciumento e controlador. Ele chega a exigir que funcionários da casa a espionem.

Ao bordar sobre a notícia, a artista dificulta a leitura do que poderia ser um alerta para o público-alvo do jornal — as mulheres — sobre um tipo de relação abusiva, ao mesmo tempo em que direciona a atenção para o título. Esse gesto artístico nos leva a refletir sobre o peso simbólico que o patriarca ocupa na família burguesa e sobre a postura de muitos homens que, influenciados pelo sexismo enraizado na sociedade, se abstêm das tarefas domésticas. Esses homens enxergam essas funções como responsabilidade exclusiva das mulheres e acreditam que devem ser servidos. Por outro lado, muitas mulheres também internalizam essa visão, assumindo o cuidado do lar como um dever e reforçando a ideia de que os homens devem ser atendidos.

O velamento da notícia, bordado por Itamara Ribeiro, funciona como uma metáfora para os abusos que a sociedade sexista não reconhece ou prefere ignorar. Somos condicionados a enxergar apenas a figura do patriarca como o rei do lar, alguém cuja autoridade deve ser obedecida sem questionamentos.

Sugestão de obras de arte que dialogam com vídeo *Ressignificando o bordado com Itamara Ribeiro*

Podemos apresentar diferentes obras de arte às crianças, conectando essas produções ao trabalho de Itamara Ribeiro e ao vídeo de animação inspirado em suas criações.

Obras provocam reflexões sobre o papel cultural atribuído às mulheres, especialmente em relação às tarefas domésticas:

1. Videoarte *In* (1975) de Letícia Parente

PARENTE, Letícia. *In*. 1975. 1 videoarte (1 min). Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=683565165985642>. Acesso em: 30 dez. 2024.

Em *In*, Letícia Parente materializa o conceito de mulher-objeto, transformando-se no próprio objeto doméstico. A artista se pendura em um cabide e fecha-se dentro de um armário, tornando-se literalmente um objeto, uma vestimenta.

2. Algumas imagens da série de autorretratos *Sonoyama Ngonyama* (2015), de Zanele Muholi

Onde encontrar as imagens:

MUHOLI, Zanele. *Sonoyama Ngonyama*. 2015. 1 fotografia. Disponível em: <https://granta.com/zanele-muholi-somnyama-ngonyama/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

MUHOLI, Zanele. *Somnyama Ngonyama*, 7 fev. 2016. Instagram: @zanelemuholi. Acesso em: 30 dez. 2024.

Muholi, que se identifica como pessoa não binária e ativista visual, criou a série de autorretratos *Sonoyama Ngonyama* (expressão em zulu que significa Salve, Leoa Negra). Nessa série, a artista faz uso de objetos do cotidiano como elementos simbólicos em suas composições (Hessel, 2024).

Em algumas fotos, Muholi utiliza objetos ligados ao trabalho doméstico e ao cuidado infantil, como pregadores e alfinetes de fralda. Essas imagens permitem discutir a associação do trabalho doméstico às mulheres e o impacto do racismo, que mantém as mulheres negras como maioria nesse setor, tanto na África do Sul quanto em outros países. Muholi viveu o apartheid, e sua mãe foi empregada doméstica, sendo a série vista como uma homenagem a ela (Paulin, 2021).

A série *Somnyama Ngonyama* faz uma crítica às antigas fotografias coloniais, que tratavam corpos negros como objetos de estudo. Muholi inverte essa lógica ao se colocar no centro das imagens por meio de autorretrato, desafiando a forma como fotógrafos como Gustav Fritsch, no século XIX, registravam os povos sul-africanos com um olhar científico e classificatório. Essas fotos transformavam pessoas negras em categorias fixas, atendendo à curiosidade colonial. Anos depois, Alfred Martin Duggan-Cronin continuou essa prática, criando imagens idealizadas do povo bantu, com roupas e cenários que reforçavam estereótipos raciais. Muholi questiona essas representações (Garb, 2011 *apud* Paulin, 2021).

3. Imagens de Laetitia Ky

Laetitia Ky, assim como Muholi e Letícia Parente, utiliza seu próprio corpo — em especial seus cabelos — para provocar reflexões sobre o trabalho doméstico. A artista desenvolveu uma série em que esculpe cenas de tarefas domésticas com seus fios, criando imagens que represen-

tam atividades tradicionalmente atribuídas às mulheres em sociedades sexistas. Ao transformar seus cabelos em uma ferramenta de ativismo artístico, Laetitia incorpora cenas de cuidado com a casa e com as crianças, questionando papéis de gênero impostos.

Na dissertação que originou a série de vídeos presente neste documento, destaquei duas imagens do livro *Love and Justice*, de Laetitia Ky. Nelas, a artista esculpe, com seus cabelos, um ferro de passar e um aspirador de pó, fotografando-se em ação para reforçar sua crítica visual.

Em *Love and Justice*, Laetitia Ky fala sobre sua arte e reflete sobre os impactos da colonização francesa na Costa do Marfim. Ela mostra como a cultura eurocêntrica desvalorizou a identidade africana e influenciou a autoestima da população, impondo padrões de beleza e estilos de vida ocidentais. Sua trajetória artística começou com a transformação de bonecas Barbie: ela raspava o cabelo original e costurava mechas de cabelo afro, adaptando as bonecas para refletirem a estética africana e permitindo que se visse representada nelas (Ky, 2022).

Esse processo foi importante para que Laetitia valorizasse sua própria cor de pele, cabelo e cultura, o que, com o tempo, levou à criação de uma arte que desafia os padrões de beleza eurocêntricos. Ao se reconectar com suas raízes, ela se aproximou do feminismo, e sua obra passou a questionar temas como papéis de gênero, educação sexista, sexualização do corpo feminino, padrões de feminilidade e masculinidade, misoginia, entre outros assuntos que são pautas de luta de diferentes vertentes feministas (Ky, 2022).

A arte de Laetitia oferece imagens ricas que ajudam a promover debates sobre sexismo e gênero com crianças, ao mesmo tempo em que reafirma a beleza do cabelo crespo e celebra a cultura africana.

Para saber mais sobre o trabalho de Laetitia Ky, você pode acessar o perfil da artista no Instagram ([@laetitiaky](https://www.instagram.com/laetitiaky)), que é público e reúne um acervo diversificado de suas obras. Além disso, a artista compartilha um pouco de sua trajetória no vídeo do *TED Wild, Intricate Sculptures — Made Out of My Hair*, disponível no YouTube.

Link para o vídeo : WILD, Intricate Sculptures — Made Out of My Hair | Laetitia Ky | TED. Nova York: TED. 2023 Publicado pelo canal: TED. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5VMqDfuU8QM&t=11s>. Acesso em: 4 mar. 2025.

Obras que exploram a desconstrução de padrões:

1. Transformation I (1976), de Gretta Sarfaty.

Onde encontrar a imagem:

SARFATY, Gretta. **Transformation I**. 1976. 1 série fotográfica. Disponível em: <https://auroras.art.br/exhibitions/gretta-sarfaty/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Gretta Sarfaty apresenta uma sequência de fotografias de seu próprio rosto distorcido, transmitindo uma expressão que remete à agonia. Ela se mostra desconstruída e seu rosto sugere desconforto. Seria esse desconforto fruto da necessidade de se adequar a um padrão? Ou decorrente da ruptura com ele? O rosto da artista se assemelha a uma massa manipulável.

2. Perfil da Mulher Peruana (1980-81), de Tereza Burga.

Onde encontrar a imagem:

BURGA, Teresa. **Perfil de la Mujer Peruana**. 1980-81. 1 instalação. Disponível em: <https://elasestaoaquinaarte.com.br/teresa-burga/>. Acesso em: 26 jan. 2025

A obra de Teresa Burga traz, entre outros elementos, um manequim, como os utilizados em vitrines de loja, e a silhueta de uma mulher peruana. Burga evidencia como a realidade dos corpos se distancia do manequim (padrão idealizado).

Tanto a obra de Burga, quanto a obra de Sarfaty, podem render debates sobre a opressão sexista, sobre ideais de feminilidade e masculinidade, sobre padrões comportamentais e de beleza. O que significa estar dentro de um padrão? Quais corpos são excluídos desse padrão?

Obras retratam o homem no papel de cuidador, desafiando estereótipos de gênero, como New Generation (1992), de Elizabeth Catlett.

Link de acesso a obra:

CATLETT, Elizabeth. **New Generation**. 1992. 1 Litogravura. Disponível em: <https://www.hemphillartworks.com/artists/elizabeth-catlett>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Na obra, a artista retrata um homem segurando uma criança no colo, uma cena pouco comum nas representações da História da Arte e da cultura visual, tradicionalmente marcadas por uma perspectiva sexista. Enquanto imagens de mulheres exercendo o papel de cuidadoras são muito mais frequentes, colocar o homem em foco nessa função convida à reflexão sobre como os estereótipos de gênero são reforçados visualmente e nos leva a pensar o papel do homem no exercício do cuidado. É fundamental que docentes estejam atentos(as) às imagens que levam para a sala de aula: que tipos de representações estão sendo apresentadas aos alunos e alunas? Estaríamos, ainda, reproduzindo visões sexistas do mundo ao escolher determinadas obras e omitir outras que desafiem esses padrões?

⇒ **Dica do Jorge:** ler com as crianças o livro *Estrelas*, de Júlio Emílio Braz.

Referência: BRAZ, Júlio Emílio. **Estrelas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

A obra de Catlett inspirou a cena final do vídeo *Ressignificando o Bordado com Itamara Ribeiro*, na qual o personagem do marido aparece carregando a criança no colo.

Violência: temática espinhosa

Tanto o vídeo *Florescendo com Negra Graffiti* quanto o vídeo *Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday* foram criados para abordar a violência contra a mulher. Esse tema, conforme a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), deve ser discutido nas escolas e incluído nos

currículos. A Declaração de Incheon também destaca a importância de tratar as questões de gênero no ambiente escolar e eliminar a violência de gênero nas escolas (Unesco, 2015).

Por se tratar de um assunto delicado, a pesquisa buscou referências de artistas que abordassem a temática da violência contra a mulher sem recorrer à exibição de imagens de violência explícita. Essa escolha levou em conta a resistência dos participantes da pesquisa em expor esse tipo de imagem às crianças, além da possibilidade de causar constrangimento ao público-alvo, que pode, eventualmente, vivenciar essa realidade no ambiente familiar.

Os vídeos também abrem caminho para debates sobre outros tipos de violência. Quem vivencia o cotidiano escolar sabe que a temática da violência, muitas vezes, é trazida pelas próprias crianças, assim como questões relacionadas a gênero e sexualidade. São temas que permeiam o ambiente escolar, e acolhê-los nos debates é respeitar os anseios das crianças e os temas que as mobilizam e que demonstram precisar debater.

Vídeo *Florescendo com Negra Graffiti*



FLORESCENDO com Negra Graffiti. [S.l: s.n.], 2025. 1 vídeo (2 min.). Publicado pelo canal artefeminismosparacrianças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jRqbU88e5C8>. Acesso em: 30 jan. 2025.

No vídeo *Florescendo com Negra Graffiti*, as obras da artista foram escolhidas para discutir tanto a violência contra a mulher quanto a violência do Estado contra corpos negros. A obra onde se lê “Nos deixe, viver!” e “Queremos florescer!”, criada em memória de Kathlen Romeu, jovem grávida baleada no Complexo do Lins, também permite reflexões sobre a violência doméstica e outras formas de violência.

Com frases simples, como “Há situações que impedem o florescer” e “Há sentimentos que dificultam o florescer”, o vídeo – com a mediação docente – pode estimular as crianças a pensar sobre fatores externos, como a violência, e internos, como a baixa autoestima, que podem afetar o desenvolvimento pessoal. Apesar do tema delicado, a proposta é transmitir uma mensagem positiva, inspirando meninas e meninos a acreditarem em seu potencial.

Uma das cenas do vídeo mostra o desenho de uma flor que, antes murcha, se revigora nas mãos de uma mulher, simbolizando o poder de superar desafios e florescer. Essa cena, junto ao texto que a acompanha, convida as crianças a refletirem e compartilharem outras formas de “florescimento”.

Negra Graffiti: a artista e as obras



Fonte: Negra Graffiti, 2023. Imagem cedida pela artista.

Carla Felizardo (1977 –), a **Negra Graffiti**, é natural do Rio de Janeiro, moradora de Vila Kennedy (Zona Oeste do Rio de Janeiro). Ela é uma artista que leva o grafite para as ruas, escolas e outros espaços, além de também produzir obras em tela. Suas criações são marcadas pelo uso de flores e pela palavra “floresça”, que funciona como um convite para que as pessoas descubram e expressem seu potencial.



Fonte: Negra Graffiti, 2024a. Foto: @anlutk. Local: Santo Amaro (Glória).

Ela cria murais de graffiti tanto individualmente quanto em colaboração com outros(as) artistas. Negra Graffiti documenta suas obras e processos no Instagram ([@negra_graffiti](https://www.instagram.com/negra_graffiti)), o que é fundamental, já que a arte do graffiti é frequentemente apagada das ruas. Foi o que ocorreu com o mural feito na Casa da Mulher Carioca¹, em Madureira, que inspirou uma das cenas do vídeo *Florescendo com Negra Graffiti*.

¹ A informação a respeito do apagamento da obra foi fornecida pela artista em conversa no Direct do Instagram.



Fonte: Negra Graffiti, 2023a. Local: Casa da Mulher Carioca (Madureira), já apagado.

Em uma de suas obras, criada em homenagem a Kathlen Romeu — uma jovem grávida que foi morta a tiros durante uma operação policial no Complexo do Lins, em 2021 —, Negra Graffiti usa símbolos para falar sobre a violência do Estado (Negra Graffiti, 2023b). Esse trabalho é uma forma de protesto artístico que nos faz refletir sobre como os corpos negros são alvos dessa brutalidade, além de abrir espaço para pensarmos em outras formas de violência, como o feminicídio. Na pintura, o “florescer interrompido” é representado pela imagem incompleta de uma flor, acompanhada das frases: “Nos deixem viver!” e “Queremos florescer”.



Fonte: Negra Graffiti, 2023c.

Negra Graffiti é uma artista que, por meio de suas obras, provoca reflexões sobre a violência de gênero, a força das mulheres e o racismo. Sua trajetória de vida e sua atuação no Movimento Social das Mulheres — especialmente como promotora legal popular (Negra Graffiti, 2024b) — oferecem importantes referências para educadores(as) que trabalham com questões de gênero de forma interseccional, valorizando as experiências e produções de artistas. As promotoras legais populares têm como objetivo disseminar conhecimentos sobre leis e direitos, contribuindo para a conscientização de meninas e mulheres, bem como lutar por políticas públicas que garantam a proteção e o bem-estar feminino (PLP_Rede Nacional, 2025).

Vídeo Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday



PENSANDO em Violência Moral com Roberta Holiday. [S.l.: s.n.], 2025. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal artefeminismosparacrianças. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lZRRne4OGsc>. Acesso em: 9 fev. 2025.

O vídeo foi idealizado a partir do mural *Violência Moral*, da artista Roberta Holiday, que faz parte do Museu Vivo Nami. Nesta obra, Roberta usa cores e palavras para contar a história de uma mulher que foi vítima de violência moral, conforme explicado pela própria artista em um vídeo no canal da Rede NAMI no YouTube (Rede NAMI, 2022). As cores quentes aparecem junto a palavras como “agressões”, enquanto o azul – cor fria – é associado a “paz” e “esperança”. A obra oferece um horizonte de transformação e mudança positiva no destino da personagem retratada.

A partir dessa estrutura, foi elaborada a narrativa do vídeo, reinterpretando a imagem da mulher retratada no mural. As cores ao redor da cabeça da personagem foram imaginadas como seus cabelos, que vão ganhando pinceladas e tracejados coloridos conforme as agressões sofridas, simbolizando o impacto dessas experiências.

Foi fundamental para criação do vídeo de animação, o relato da própria Roberta Holiday sobre sua criação, registrado no vídeo *E046 - Lei Maria da Penha: Violência Moral com Roberta Holiday e Dra. Catarina Souza*.

E046 - Lei Maria da Penha: Violência Moral com Roberta Holiday e Dra. Catarina Souza. Rio de Janeiro: Rede Nami, 2022. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal Rede Nami. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zrtKLSJ7ngo>. Acesso em: 28 jan. 2025.

Exibir esse episódio para as crianças pode ser uma estratégia interessante para os(as) docentes. O vídeo apresenta a visão da artista sobre a obra e revela o processo criativo de Roberta Holiday, o que certamente enriquecerá o debate em sala de aula.

No vídeo de animação, o agressor é simbolizado por uma **mão apontando** e uma **boca flutuante** que pronuncia termos como “palavras agressivas”, “ofensas” e “depreciação”. Em vez de usar insultos explícitos, foram apresentados apenas nomenclaturas que categorizam um conjunto de agressões verbais, permitindo que as crianças interpretem a situação com base em suas próprias referências.

A frase “ Talvez ele fosse o marido, o namorado dela, ou...” sugere a violência moral frequentemente praticada por parceiros afetivos. O uso do termo “talvez” e o “ou...” mantém o debate aberto, incentivando as crianças a refletirem sobre diferentes contextos e tipos de agressores. Isso é importante, pois, segundo a Lei Maria da Penha, qualquer pessoa que cometa violência contra uma mulher no ambiente doméstico e familiar pode ser responsabilizada, incluindo pais, irmãos e outros familiares (Brasil, 2006).

A discussão também pode ser ampliada para abordar outras formas de assédio moral que afetam diversos grupos, não apenas mulheres. Além disso, é possível explorar, no debate com as crianças, o impacto das palavras negativas na autoestima, refletindo sobre como a violência verbal interfere na forma como as pessoas se percebem e constroem sua autoconfiança.

O vídeo não explica diretamente o que é o número 180. Ele aparece em uma cena, piscando na tela de um celular, para mostrar que uma denúncia foi feita. Por isso, é importante que os(as) docentes expliquem às crianças que o 180 é o número da Central de Atendimento à Mulher, usado para denunciar casos de violência.

No vídeo, foram incluídas frases que mostram como a personagem recuperou sua autoestima e passou a reconhecer seu próprio valor. Apesar das ofensas e agressões que ela sofreu terem deixado marcas, a ideia foi destacar que ela conseguiu retomar sua autoconfiança.

Todos os vídeos da série foram concebidos para serem utilizados com mediação docente, e espera-se que os temas sejam aprofundados em sala de aula, com a pesquisa de conceitos e palavras que aparecem em cada animação. A proposta é que os vídeos sirvam como um apoio a um processo de trabalho que envolva o contato das crianças com as imagens das obras originais e o percurso pedagógico desenvolvido por

cada docente. As possibilidades de exploração dos vídeos dependerão da criatividade e das abordagens escolhidas por cada professor(a), que poderá adaptar o material de acordo com as necessidades e interesses da turma.

Roberta Holiday: a artista e a obra



Fonte: Holiday, 2024. Foto cedida pela artista.

Roberta Holiday (1987 –) é cineasta e artista visual, natural do Rio de Janeiro e moradora de Belford Roxo. Entre suas obras, destaca-se o mural *Violência Moral*, que inspirou a criação do vídeo *Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday*. A artista participou de exposições importantes, como *Um Defeito de Cor* (Museu de Arte do Rio, com temporadas no Museu Nacional da Cultura Afro-Brasileira, em Salvador, e no Sesc Pinheiros, em São Paulo), *Acessos* (Escola de Artes Visuais do Parque Lage) e *Abolicionistas Brasileiras* (Museu de Arte do Rio), apresentando pinturas em tela.

O Instagram da artista (@robertaholiday) reúne imagens de obras dela e informações sobre sua trajetória e projetos, configurando-se como um acervo importante para docentes comprometidos(as) com debates sobre gênero, inclusão, valorização da cultura e religiosidade afro-brasileiras, além da representatividade negra.

Para Conhecer mais sobre o trabalho de Roberta Holiday:

AFROGRAFITEIRAS [Episódio 10: Roberta Holiday]. Rio de Janeiro: Rede Nami, 2023. 1 vídeo (7 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DPg1RVPg_OA. Acesso em: 28 jan. 2024.

Roberta Holiday faz parte do Coletivo da Rede NAMI, uma organização criada em 2010 pela artista **Panmela Castro**, com o propósito de utilizar a arte como instrumento de transformação social. Sem fins lucrativos, a instituição promove os direitos das mulheres, pessoas negras, povos originários, indivíduos LGBTQIAP+ e pessoas com deficiência. Além disso, atua no enfrentamento à violência contra a mulher e no fortalecimento do protagonismo feminino no Campo da Arte. A Rede Nami desenvolve diversos projetos, e Holiday participou do Afrografiteiras, um curso de formação em arte urbana voltado para mulheres negras (Rede Nami, [2017?]).

O mural *Violência Moral* faz parte de uma série de murais que ilustram os cinco tipos de violência doméstica definidos pela Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006): violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Essa série faz parte do Museu Vivo NAMI, localizado na Comunidade Tavares Bastos, no Rio de Janeiro. As obras abordam essas formas de violência de maneira visual e impactante, contribuindo para a conscientização sobre o tema. O processo de criação dos murais foi documentado em vídeos disponíveis no canal Rede NAMI (@RedeNAMI) no YouTube, onde as artistas comentam suas obras e explicam, de forma detalhada, cada tipo de violência representado.



Mural Violência Moral - Museu Vivo NAMI. Artista: Roberta Holiday. Crédito: Gabriel Andrade. Acervo Rede NAMI. Ano: 2022.

O Mural *Violência Moral* mostra os diferentes sentimentos pelos quais mulheres que sofrem esse tipo de agressão podem passar. Ele convida as pessoas a refletirem sobre uma forma de violência que, de forma silenciosa, enfraquece a autoestima das mulheres e, muitas vezes, é difícil de perceber. O mural também serve como um alerta para as mulheres que passam por ele na rua, divulga o canal de denúncia contra a violência feminina e, por estar em um espaço público, torna-se acessível a fruição de um número maior de pessoas.

Este Mural, como todas as outras obras de arte que fazem parte do Museu Vivo NAMI, ajuda a aproximar as pessoas dos ideais feministas.

Sugestão de obras de arte que dialogam com os vídeos *Florescendo com Negra Graffiti* e *Pensando em Violência Moral* com Roberta Holiday

Obras que abordam a violência contra a mulher:

1. Murais que fazem parte do *Circuito de Murais contra Violência doméstica* da Rede Nami

Existem vídeos sobre eles disponíveis no canal do Youtube Rede NAMI (@RedeNAMI), incluindo a série de episódios sobre a Lei Maria da Penha, na qual o mural desenvolvido por Roberta Holiday se insere.

2. A instalação de Esther Ferrer apresentada na exposição *Cuando cambia el mundo. Preguntas sobre arte y feminismo* (2021)

Detalhes da obra podem ser vistos no vídeo:

ESTHER Ferrer por Andrea Giunta | *Cuando cambia el mundo. Preguntas sobre arte y feminismos*. [S.l.: s.n.] 2021. Publicado pelo canal Palácio das Artes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=90JMxjqAs7A>. Acesso em: 28 jun. 2025.

A instalação de Esther Ferrer é uma boa referência para discutir a violência contra a mulher sem usar imagens de violência explícita. Na obra exibida na exposição *Cuando cambia el mundo. Preguntas sobre arte y feminismo*, no Centro Cultural Kirchner (Argentina), a artista adicionava uma cadeira vazia para cada mulher assassinada na Argentina durante o período da exposição, em 2021. Quando foi inaugurada, em março, havia 62 cadeiras, mas, em abril, o número já havia subido para 91 (Giunta, 2021).

Além das cadeiras vazias, a instalação também incluía um manequim feminino colocado sobre uma mesa, segurando um cartaz – atualizado todos os dias – com os dados das mulheres assassinadas. De acordo com Giunta (2021), essas informações vinham do Observatório Lucia Perez.²

² <https://observatorioluciaperez.org/>

3. El tendedero (1978), de Monica Meyer

Onde encontrar a imagem:

MAYER, Mónica. *El tendedero*. 1978. 1 instalação. Disponível em: <https://pintomiraya.com/redes/archivo-pmr/el-tendedero/item/203-el-tendedero-breve-introducci%C3%B3n.html>. Acesso em: 11 fev. 2025.

A obra pode ser exibida e utilizada para debates sobre violência de gênero e sobre a insegurança vivida por mulheres na cidade.

De acordo com Giunta (2021), Mayer criou um varal rosa — fazendo referência ao trabalho doméstico — onde pendurou papéis da mesma cor com os resultados de uma pesquisa sociológica feita com oitocentas mulheres de diferentes idades, profissões e classes sociais. Cada papel trazia uma frase incompleta para ser preenchida: “Como mulher, o que mais detesto na cidade é...”. A maioria das respostas revelou experiências de violência sexual.

Em todas as vezes em que foi exposta (sendo remontada e atualizada após 1966), a obra contou com a participação do público, que podia escrever suas próprias respostas e pendurá-las no varal, tornando a instalação ainda mais coletiva e interativa.

Na obra, “[...]o objeto cotidiano [varal] se transformava em suporte de uma mensagem coletiva de protesto e libertação. O doméstico girava para o político” (Giunta, 2021, p. 184, tradução própria). O trabalho doméstico e a cor rosa — que, em uma cultura sexista, são tradicionalmente ligados ao feminino — são ressignificados na instalação. Mayer usa esses elementos para subvertê-los, transformando-os em ferramentas de denúncia contra as opressões de gênero.

A obra *El Tendedero* pode ser usada para conversar com as crianças sobre a importância de políticas públicas que garantam a segurança das mulheres nas cidades. Esse diálogo pode incluir discussões sobre medidas como a criação de vagões exclusivos para mulheres e ajudar as crianças a entenderem que essa insegurança está ligada a uma sociedade machista, que por muito tempo tratou o abuso como algo comum e limitou a liberdade das mulheres de se locomoverem sozinhas.

Além das mulheres, a conversa pode ser ampliada para outros grupos que também enfrentam insegurança no espaço urbano, como crianças, idosos, pessoas com deficiência, membros da comunidade LGBTI+ e abre espaço para refletirmos sobre a vulnerabilidade dos corpos negros nos espaços urbanos. A obra em diálogo com o trabalho de Negra Graffiti, por exemplo, permite discutir a violência que atinge mulheres, como Kathlen Romeu, vítimas de “balas perdidas” — disparos que, sistematicamente, atingem corpos negros e pobres.

Obras que tratam de autoestima feminina, como a série Cartas para o Futuro (2024), de Bruna Alcântara.

A série abre espaço para discutir temas como amor próprio, autoestima e a desconstrução de padrões sexistas e racistas. É possível também fazer conexões com as frases que indicam resgate de autoestima e valorização de potencialidades pessoais que aparecem nos vídeos *Florescendo com negra Graffiti* e *Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday*.

Bruna Alcântara criou interferências com bordado e colagem em fotos históricas digitalizadas do acervo do *Museu da Imagem e do Som do Paraná*. Nas imagens aparecem mensagens: “Ame-se”, “Amor próprio”, “Ame como quiser” e “mas nem a louça ele lavou”, dentre outras. É como se as mulheres retratadas no passado estivessem enviando mensagens para o futuro, convidando-nos a repensar o mundo, as relações humanas, a heterossexualidade compulsória e a imposição de padrões — estéticos, de gênero, entre outros.

Como explica a própria artista em uma reportagem publicada em 2 de julho de 2024 no site do Prêmio PIPA:

[...]Minha intenção foi fazer com que as mulheres dessas fotos consigam falar. Para mim, é como se elas estivessem falando o que não tiveram a chance de dizer, sobre coisas que elas sequer puderam fazer, além de apoiar o empoderamento feminino com palavras inspiradoras, como “Estude”, “Ame-se” e “Somos maioria” (Prêmio PIPA, 2024).

Bruna utilizou bordado, colagem e pintura para transmitir essas mensagens. De acordo com Alcântara (2024a), na exposição inaugurada em junho de 2024, no Museu da Imagem e do Som do Paraná, as obras foram apresentadas em molduras, como porta-retratos, e também ampliadas em formato de lambe-lambe expostas na área externa do museu (Alcântara, 2024b).

Canal no Youtube Arte e Feminismos para Crianças



O canal Arte e Feminismos para Crianças foi criado exclusivamente para divulgar a série de vídeos que compõem o produto educacional *Artes Visuais e Feminismos: série de vídeos para crianças*. No entanto, ficaremos felizes se você quiser compartilhar produções visuais feministas voltadas para o público infantil neste canal, sejam elas de sua autoria ou desenvolvidas em parceria com seus alunos e alunas. Será muito interessante se conseguirmos criar uma rede de socialização de materiais educacionais dessa natureza!

Entre em contato caso queira divulgar seu vídeo no canal Arte e Feminismos para Crianças ou, ainda, se tiver interesse em compartilhar seu próprio canal com vídeos de animação sobre essa temática.

E-mail de contato: artefeminismosparacrianca@gmail.com

Como mencionado na apresentação deste documento, a intenção é dar continuidade ao projeto e produzir mais vídeos que explorem a interface entre as Artes Visuais e Feminismos.

Muitas referências artísticas foram selecionadas a partir das abordagens pedagógicas sobre a temática de gênero que o grupo de docen-

tes de Artes Visuais entrevistados já desenvolvia com turmas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Outras referências foram pesquisadas com o objetivo de oferecer novas possibilidades de debate, considerando os entraves e desafios apontados por esses(as) professores(as).

Essas referências estão presentes na dissertação *Artes Visuais e Feminismo nos Anos Iniciais: criação de produto educacional em vídeo*, e resultariam em excelentes animações que, certamente, as crianças merecem conhecer. Se você tiver interesse em conhecer essa curadoria e outros aspectos da pesquisa, pode ser interessante consultar o trabalho completo.

Os relatos dos(as) professores(as) entrevistados(as) estão registrados na dissertação e podem funcionar como uma rica troca de experiências, servindo de motivação para o desenvolvimento de trabalhos que abordem a temática de gênero e feminismos nas Artes Visuais.

Existem muitas histórias a serem contadas, muitas obras a serem desveladas, muitas questões feministas a serem debatidas e muitos caminhos pedagógicos a serem seguidos ou transformados...



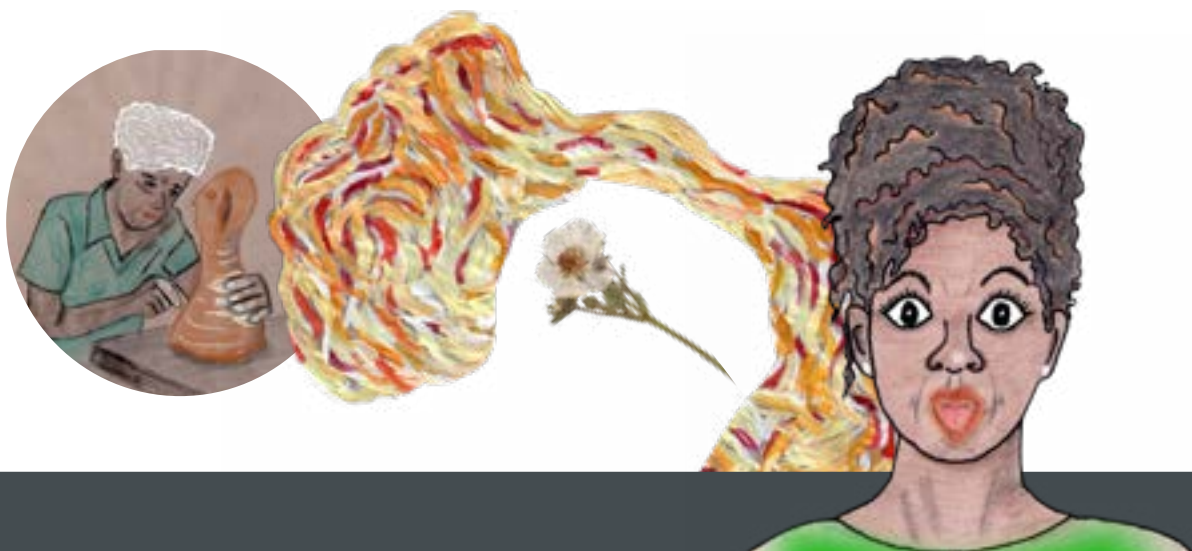
Indicação

Embora a maturidade das crianças em sala de aula nem sempre esteja diretamente atrelada ao ano de escolaridade, a maioria dos(as) docentes entrevistados(as), ao avaliar o protótipo da série de vídeos, considerou que o material provavelmente seria mais adequado para crianças a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental. Essa avaliação diz respeito aos quatro vídeos apresentados, mas não houve unanimidade entre os participantes.

Cada docente que tiver contato com a série de vídeos deve avaliar sua adequação ao grupo com o qual trabalha, levando em conta que a mediação pedagógica foi concebida como um elemento fundamental para o projeto.

Consideramos essencial desenvolver um trabalho aprofundado de afirmação das identidades raciais e de valorização de personalidades negras, bem como das estéticas e culturas africana, afro-brasileira e indígena, antes de abordar diretamente a problemática do racismo e suas interseccionalidades. No entanto, reconhecemos que, frequentemente, a temática é trazida pelas próprias crianças, tornando-se urgente debatê-la, mesmo quando entendemos que ainda seria necessário fortalecer mais a autoestima racial antes desse enfrentamento.

Em contextos semelhantes a esse, acabamos articulando, simultaneamente, a valorização identitária com a crítica às estruturas racistas, interligando essa discussão às questões de gênero e classe.



Breve comentário sobre o referencial teórico da pesquisa: um convite a leitura da dissertação

Tanto a pesquisa quanto a série de vídeos apresentada neste documento têm o compromisso de levar o debate feminista para dentro da escola.

Com base nos estudos de hooks (2019a, 2019b), podemos compreender que o sexismo – definido na maioria dos dicionários como discriminação baseada no sexo (Houaiss, 2001) – é um processo de discriminação de gênero que associa o sexo biológico – geralmente reduzido a duas categorias – ao gênero, igualmente concebido de forma binária. Essa visão binarista gera expectativas sobre o que significa ser homem ou mulher, pressionando pessoas a se ajustarem a essas normas. Todos “[...] nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitarmos pensamentos e ações sexistas [...]” (hooks, 2019a, p.13). O sexismo influencia diversas áreas da vida, determinando desde roupas e brinquedos até preferências por cores e escolhas profissionais, por exemplo. Discursos sexistas podem ser reproduzidos por qualquer pessoa, independentemente do gênero, e têm o objetivo de categorizar os seres humanos de acordo com normas binárias de ser, pensar e agir, enquadradas como masculinas ou femininas.

A escola desempenha um papel central nesse processo. Como destaca Louro (2014), com base no pensamento foucaultiano, redes de poder operam para constituir hierarquias entre os gêneros. A escola, além de reproduzir papéis de gênero e reforçar desigualdades, também participa ativamente da produção de discursos sexistas. Exemplos disso incluem a separação de meninos e meninas em filas, a presença de imagens que vinculam mulheres a certas atividades e homens a outras, currículos que privilegiam figuras masculinas e a ausência de debates aprofundados sobre gênero. Essas práticas contribuem para a naturalização da divisão sexista.

Ao olhar para a instituição escolar brasileira e como ela historicamente contribui para a opressão sexista, é necessário perceber que ela também participa da reprodução e produção de outras opressões. Lélia

Gonzalez (2020), em *Por um feminismo afro-latino-americano*, destaca que “[...] tanto o machismo quanto o racismo partem de diferenças biológicas que se estabeleceram como ideologias de dominação [...]” (Gonzalez, 2020, p. 141). Para ela, discutir a “[...] divisão sexual do trabalho sem articulá-la com a correspondente ao nível racial é cair em uma espécie de racionalismo universal abstrato, típico de um discurso masculinizante e branco [...]” (Gonzalez, 2020, p. 142).

Assim como outras sociedades colonizadas, herdamos modelos institucionais, dentre eles a escola, da metrópole europeia. Nossa estrutura social foi construída com base em um sistema de hierarquia de raça e gênero, em valores e em instituições que foram mantidas pelas elites após a independência. Essas estruturas garantiram e ainda garantem a manutenção de privilégios e do poder dessas elites. A colonização formal chegou ao fim, mas suas consequências persistem por meio da **colonialidade do poder**. Segundo esse conceito, as relações de dominação não foram superadas, mas sim ressignificadas dentro das estruturas sociais, políticas e econômicas contemporâneas (Quijano, 2005, 2010).

Gonzalez (2020) reforça essa ideia ao afirmar que as sociedades latino-americanas são

Herdeiras históricas das ideologias de classificação social (racial e sexual), bem como das técnicas legais e administrativas das metrópoles ibéricas[...]. Estratificadas racialmente [...] as hierarquias garantem a superioridade dos brancos como grupo dominante (Gonzales, 2020, p.143).

Ao analisar a instituição escolar brasileira e pensar os debates feministas dentro dela, é fundamental considerar as especificidades da nossa sociedade. Gonzalez (2020) e outras feministas negras nos convocam a refletir sobre um feminismo que rompa com a ideia de mulher universal trazida pelo feminismo branco europeu e estadunidense: “[...] o feminismo latino-americano perde muito da sua força abstraindo um dado real da maior importância: o caráter multirracial e pluricultural das sociedades da região” (Gonzalez, 2020, p. 142).

Essa perspectiva é fundamental para a pesquisa, que busca compreender as especificidades do ensino de gênero, feminismos e Artes Visuais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. O estudo privilegia pesquisadoras feministas negras e o conceito de **interseccionalidade** como ferramenta analítica, além de teóricas fora do eixo europeu e estadunidense. Privilegiar não significa excluir, mas sim trazer novas perspectivas para o debate. Além disso, a pesquisa enfatiza produções visuais de artistas brasileiras e latino-americanas, contribuindo para a ampliação dos repertórios artísticos e culturais no ensino de Artes Visuais.

O referencial teórico do estudo abrange os estudos de gênero e educação de **Louro (2014, 2022)**, que questionam essencialismos binaristas e analisam o papel da escola na construção das normas de gênero; as contribuições de **hooks (2019a, 2019b)**, **Ribeiro (2018, 2019)**, **Akoti-rene (2019)** e **Gonzalez (2020)** sobre feminismo negro; e as pesquisas de historiografia da arte feminista de **Simioni (2019)**, **Giunta (2021)** e **Trizolli (2018)**.

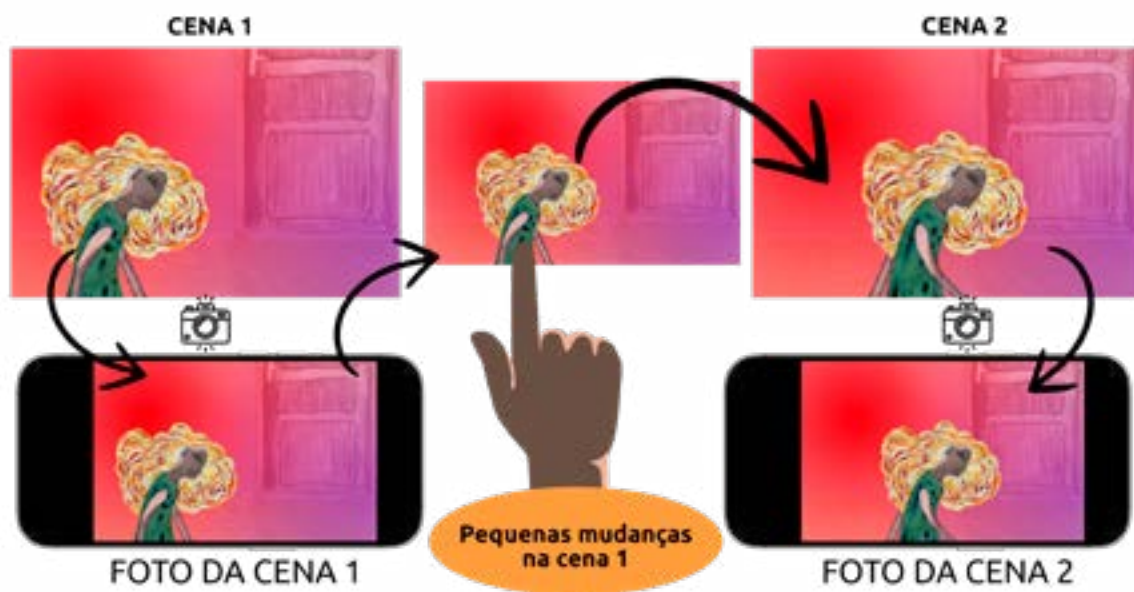
Dentro desse contexto, Giunta (2021) enfatiza que identificar os problemas estruturais e denunciar desigualdades é o primeiro passo para promover transformações. Ela destaca a importância de uma “[...] emancipação estética cidadã [...]” (Giunta, 2021, p. 90, tradução própria), alertando que a exclusão de artistas por falta de representatividade prejudica não apenas as próprias criadoras, mas também o público, que perde o direito de conhecer outras formas de produção. Instituições artísticas naturalizam gostos estéticos dentro de padrões sexistas e racistas, cerceando o direito de ver e aprender.

Acreditamos que a escola e o ensino de Artes Visuais podem desempenhar um papel fundamental nesse processo. Para além de oferecer representatividade às crianças, possibilitando que se vejam ocupando espaços de relevância social, o ensino de Arte também pode servir como uma ferramenta para questionar as estruturas de opressão – como o racismo e o sexismo – profundamente enraizadas na sociedade. Dessa forma, a Arte na escola não apenas inspira novas possibilidades de pertencimento e protagonismo, mas também fomenta a conscientização crítica sobre as desigualdades.

Você pode acessar os referenciais teóricos e imagéticos consultando a dissertação *Artes Visuais e Feminismo nos Anos Iniciais: criação de um produto educacional em vídeo*.

Tutorial de animação

A animação em Stop Motion serviu de base para os vídeos criados neste projeto. Trata-se de uma técnica de animação quadro a quadro, que cria a ilusão de movimento a partir de uma sequência de fotografias. A cada foto, alguns elementos da imagem anterior são modificados e, após a edição, a sequência de imagens sugere que o personagem está em movimento.



Para fazer com crianças na escola

Materiais Necessários:

- Celular ou câmera fotográfica.
- Tripé (pode ser improvisado com objetos para apoiar o celular/câmera e dar mais estabilidade).

⇒ **Dica:** É possível realizar animações sem a utilização de tripé, utilizando o celular ou a câmera nas mãos das crianças. Embora possa haver uma perda na qualidade das imagens, isso não compromete a experiência. A presença do(a) professor(a) para orientar o processo é fundamental.

Lembre-se: A Lei 15.100/2025 permite o uso de dispositivos eletrônicos em sala de aula para fins pedagógicos, sob a orientação do(a) profissional de educação (Brasil, 2025).

Passo a passo para criar a animação:

1. Escolha do Material para Animação:

- **Massinha:**
 - ⇒ Fácil de modelar e alterar a cada foto.
 - ⇒ Ideal para crianças que gostam de manipular materiais.
 - ⇒ **Atenção:** Dependendo da qualidade, a massinha pode endurecer de uma semana para outra.
- **Objetos e Bonecos de Plástico:**
 - ⇒ Ótimos para crianças com menos paciência para processos longos.
 - ⇒ Foco no movimento e na narrativa sem precisar criar os personagens do zero.
- **Recortes de Papel (Desenhos ou Revistas):**
 - ⇒ Mais fácil de armazenar por longos períodos.
 - ⇒ Ideal para projetos que duram várias aulas.
 - ⇒ As crianças desenham os personagens e cenários ou usam recortes de revistas.
 - ⇒ Movem os recortes sobre o fundo e fotografam cada modificação.

2. Organização da Turma:

- Trata-se de uma sugestão apenas
- Divida as crianças em grupos pequenos.
 - ⇒ Cada grupo cria sua própria animação ou uma das cenas de uma animação coletiva.
 - ⇒ Desenho dos personagens e cenários.
 - Montagem das cenas com massinha, objetos ou recortes.

3. Fotografia das Cenas:

- Use o celular ou câmera para tirar fotos de cada movimento.
- Em algumas escolas, é possível usar câmeras da própria instituição (mas sei que essa não é a realidade da maioria).

4. Edição da Animação:

- **Com o celular (na hora):**
 - ⇒ Monte GIFs com as fotos usando a função nativa da maioria dos celulares.
 - ⇒ Assim, as crianças já conseguem ver o movimento na hora! Gif não é uma animação exatamente, mas ajuda crianças mais ansiosas a compreenderem o processo e identificarem algum problema antes de editar.

- **No computador ou em casa:**
 - ⇒ Se a escola tiver programas de edição e computadores disponíveis, as próprias crianças podem editar.
 - ⇒ Caso contrário, a edição pode ser realizada posteriormente por você e apresentada em sala de aula.

- **Debatendo com a Turma (dica da Juliana)**

- ⇒ Mesmo quando edito as animações, gosto de incluir as crianças no processo criativo:
- ⇒ Levo as cenas editadas para debater com a turma.
- ⇒ Juntos, decidimos efeitos visuais e sonoros, velocidade dos movimentos, trilha sonora, entre outros detalhes.
- ⇒ Esse debate torna o processo mais participativo e criativo.

Fazendo Fotografia e edição com o aplicativo Stop Motion Studio

- Disponível para celular com versão gratuita.
- As crianças podem fotografar diretamente no app, que edita automaticamente a animação ao final.

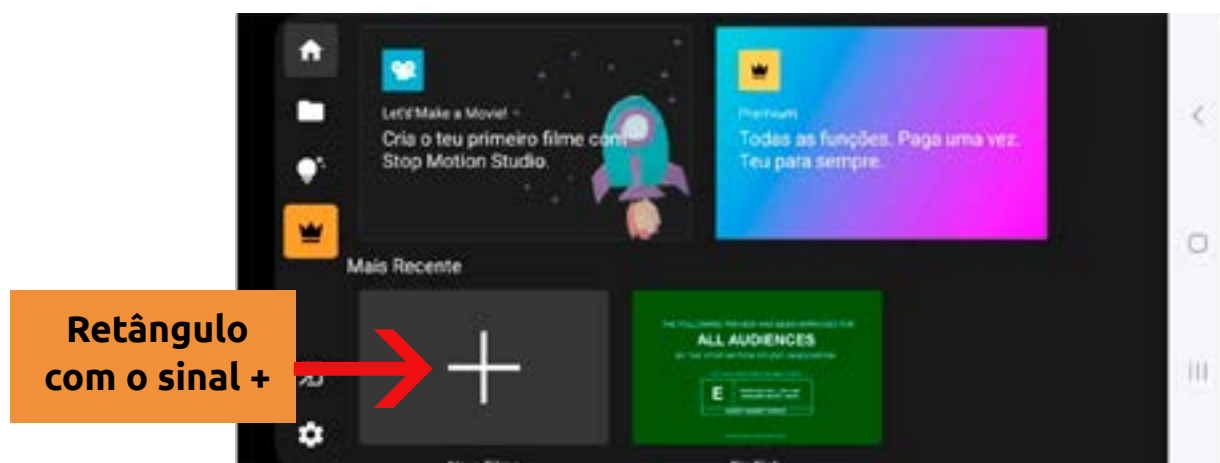
⇒ Dica

Com as crianças, é interessante deixar no modo automático por exigir menos ajustes de configuração.

Tutorial de Utilização do Stop Motion Studio

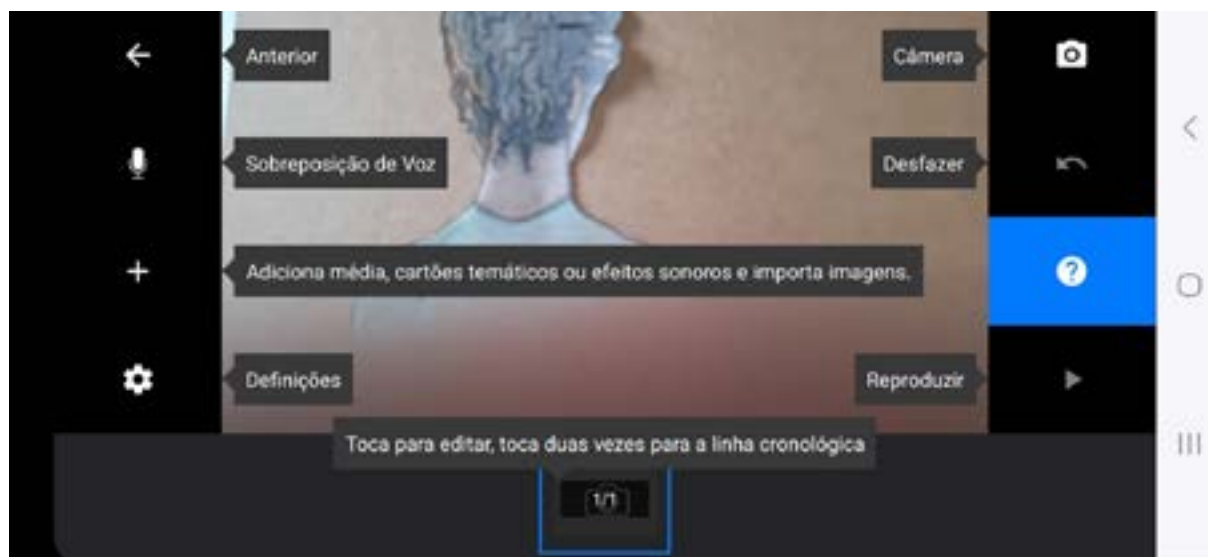
1. Criando um novo projeto

Ao acessar o aplicativo Stop Motion Studio, clique no retângulo com o sinal + para criar um novo filme.



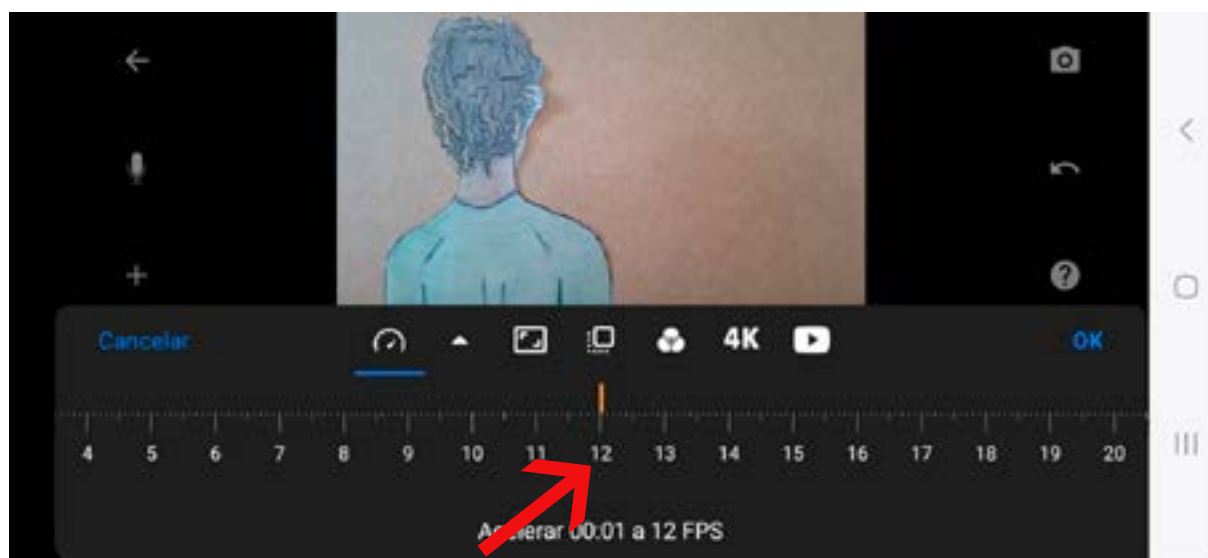
2. Configurando o vídeo

Antes de começar a fotografar, é necessário configurar o vídeo. Para isso, clique no ícone da **engrenagem (definições)** e ajuste os parâmetros conforme suas necessidades. A imagem abaixo indica a função de cada ícone.



3. Ajustando a velocidade do vídeo

No primeiro ícone (marcado com traço azul), recomendamos configurar para **12 frames por segundo**, garantindo que a animação não fique nem muito lenta, nem muito rápida. Após configurar, clique em **OK**.



12 frames por segundo

4. Outros ajustes recomendados



Clique em 4K (marcado com traço azul) e em HD, depois clique em OK.



Caso deseje, é possível predefinir o vídeo para YouTube, Instagram, TikTok, entre outras opções.

5. Iniciando a filmagem



Pressione o ícone da **câmera** para começar a capturar as imagens

6. Utilizando a transparência como guia

O aplicativo possui uma barra lateral onde é possível ajustar a **transparência da foto** anterior para usá-la como guia na próxima imagem. Para capturar a primeira foto, aperte o **botão vermelho**.

Barra lateral para ajuste da transparência



⇒ **Dica:** Conecte um fone de ouvido ao celular e utilize o botão do fone (normalmente marcado com um +) para tirar as fotos. Isso evita tremores ou desalinhamentos no enquadramento.

7. Movimentando os objetos

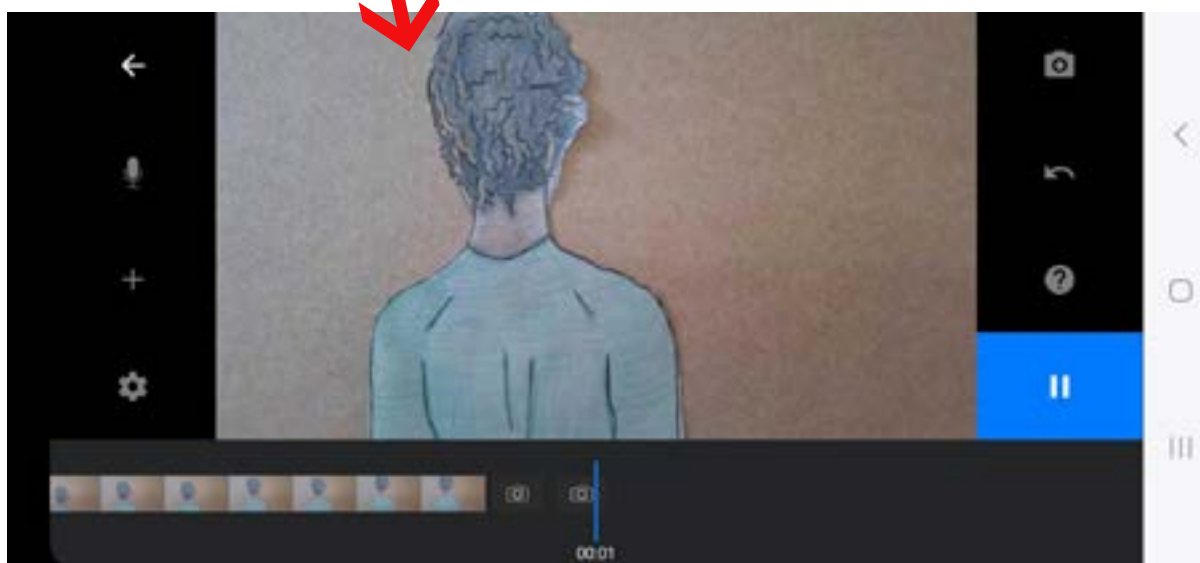
- Depois de tirar a primeira foto, mova ligeiramente o objeto.
- A imagem transparente (Onion skin) servirá como guia para garantir a continuidade do movimento.
- Tire uma nova foto e repita o processo até completar a animação.



8. Visualizando a animação



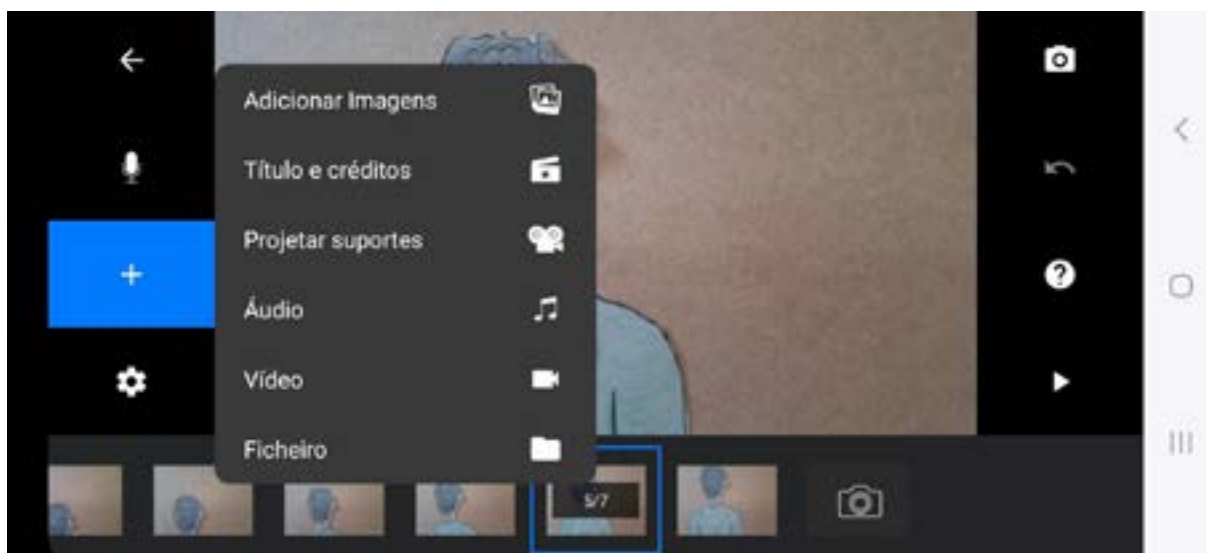
Para assistir à sequência de imagens animadas, clique no **triângulo** (reprodutor).



9. Inserindo elementos extras

No ícone + (marcado em azul), é possível adicionar:

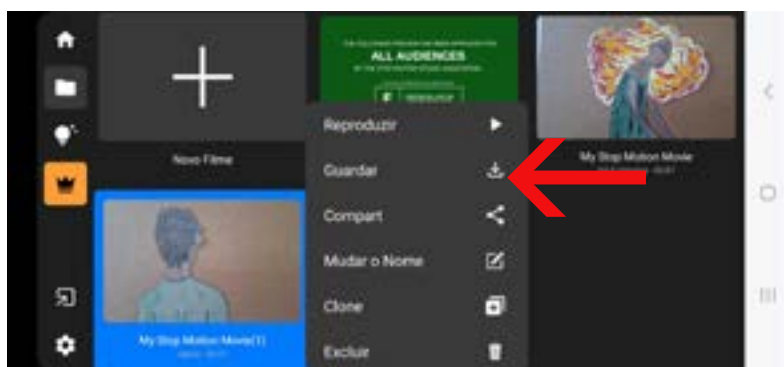
- **Créditos do filme**
- **Áudio ou música** (Para inserir no início, selecione a primeira imagem e adicione o som.).



10. Salvando o vídeo

Após finalizar o vídeo:

- Clique na seta para voltar à página anterior.



Pressione levemente o dedo sobre o vídeo e selecione **Guardar**.

Escolha o formato desejado (na imagem, a opção **Filme** está marcada).



Clique em **"Seguinte"**.

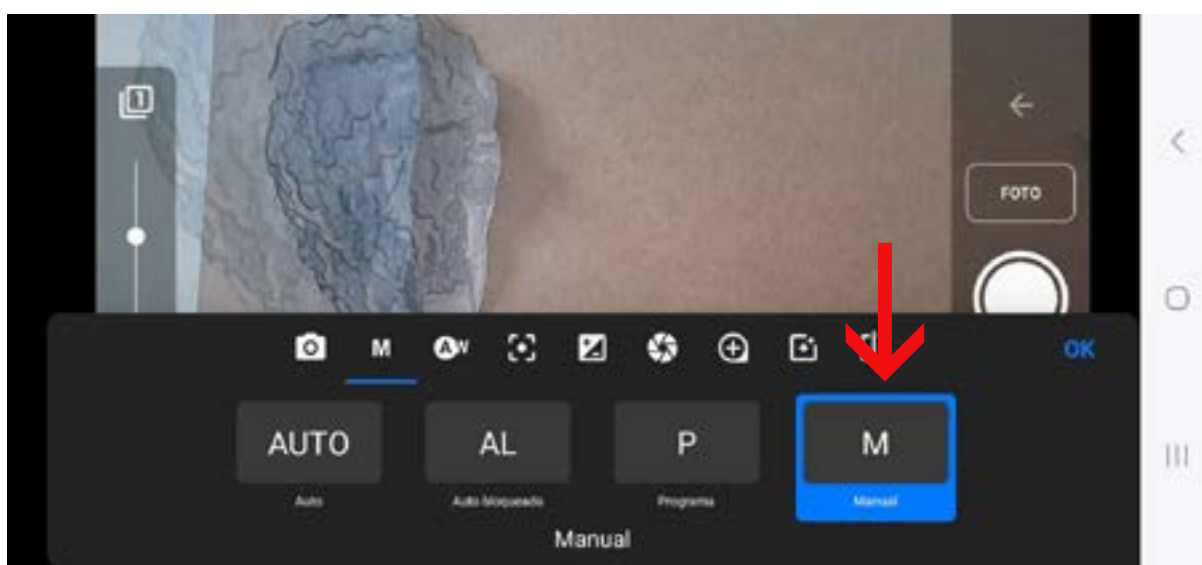


Na tela de Downloads, clique em **“Salvar”** para armazenar o vídeo no celular e compartilhá-lo.

Observação: Ajustando manualmente a qualidade da imagem

Para um controle maior da qualidade das imagens, se desejar você pode usar modo manual, mas precisará fazer essa configuração antes de tirar a primeira foto.

- Clique no ícone contornado de azul na imagem.
- Clique em **M** para acessar ajustes de obturador, foco e outros parâmetros.



Quer saber mais?

Sobre o módulo manual:

COMO fazer animação stop motion usando o celular - o tutorial mais completo da sua vida | live #003. [S.l.]: Maria Marcolina Filmes, 2023. Publicado pelo canal Maria Marcolina Filmes. 1 vídeo (42 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RTcsNG9OMbA>. Acesso em: 12 fev.2025.

Sobre o módulo automático:

FIZ uma animação stop motion usando recortes de papel e um celular - fácil e divertido de fazer!. [S.l.: s.n.], 2020. Publicado pelo canal Diogo Camargo. 1 vídeo (19 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=edAouO-sQHw>. Acesso em: 12 fev. 2025.

FIZ uma animação em stop motion - faça você também. [S.l.: s.n.], 2019. Publicado pelo canal Diogo Camargo. 1 vídeo (18 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D1Wdc6N57DQ&t=819s>. Acesso em: 12 fev.2025.

Como as animações da série de vídeos foram realizadas

A série de vídeos desta pesquisa foi desenvolvida utilizando a plataforma Canva (<https://www.canva.com/>), que oferece ferramentas acessíveis para a criação de animações. O Canva possui uma versão gratuita para todos os usuários, com diversos recursos criativos.

Para educadores, a plataforma disponibiliza uma versão gratuita com funcionalidades extras. Docentes que possuem vínculo empregatício com alguma instituição de ensino podem solicitar esse acesso especial anexando um comprovante ao criar uma conta. Isso permite utilizar elementos exclusivos que não estão disponíveis na versão gratuita padrão.

Mesmo sem essa versão específica para educadores, qualquer pessoa pode criar animações interessantes no Canva utilizando as opções gratuitas disponíveis.

Esta seção não traz um tutorial completo, pois a plataforma Canva oferece muitos recursos e está em constante atualização. No entanto, apresentamos alguns caminhos utilizados na criação das animações da série de vídeos, caso você deseje explorar um processo similar.

Criando um projeto no Canva

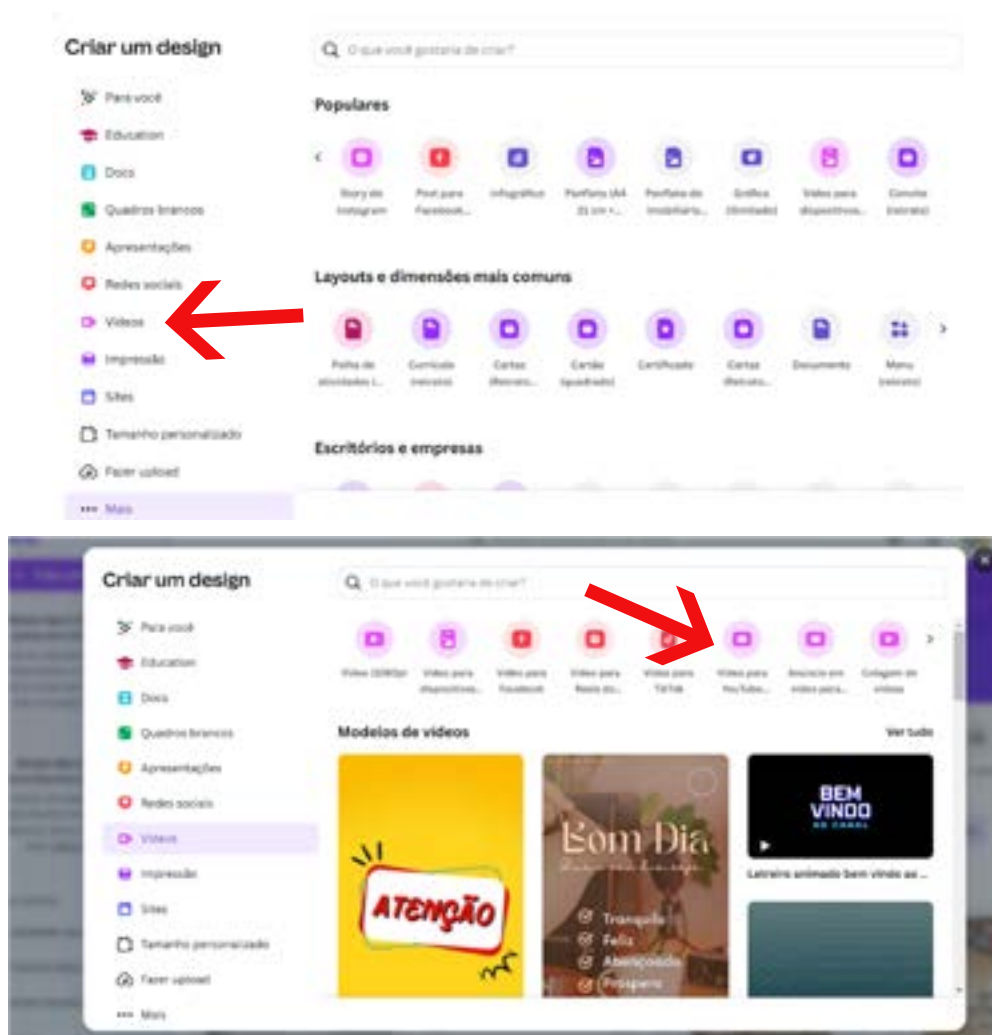
1. Criar um design:

- Ao acessar sua conta no Canva, clique em **“Criar um design”** para iniciar um novo projeto.



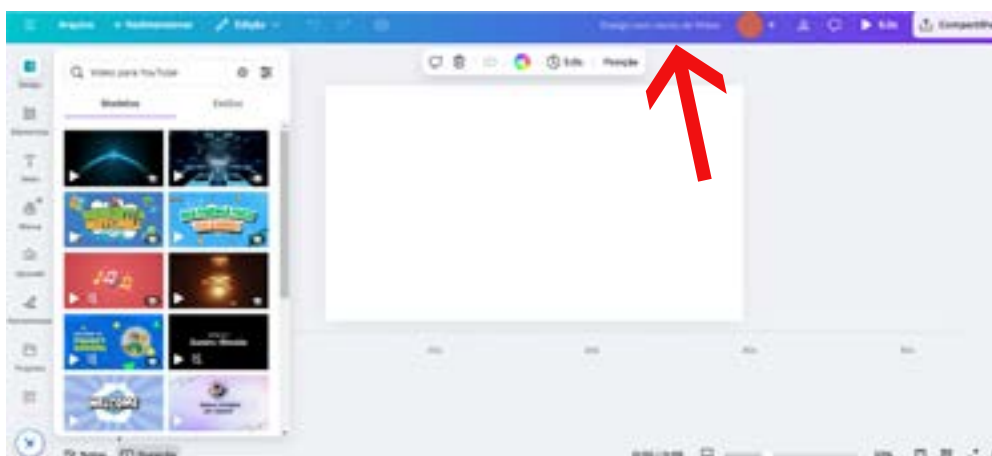
2. Escolher o formato do vídeo:

- A plataforma oferece diversas opções. Para esta série, foi utilizada a opção “**Vídeo para o YouTube**”.



3. Nomear o arquivo;

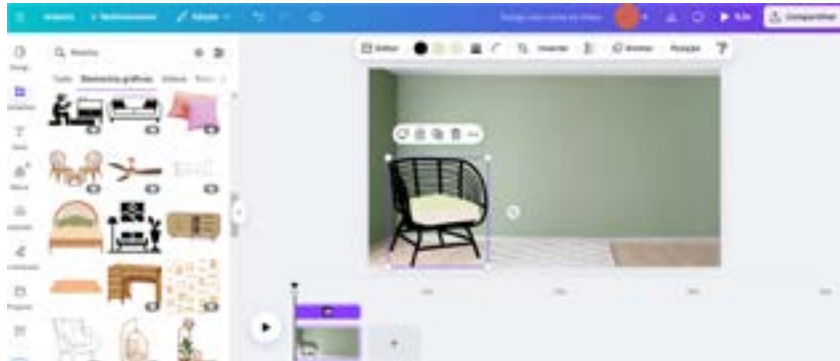
- Ao abrir o ambiente de edição, nomeie o arquivo clicando na área onde aparece “**design sem nome**”.



Criando as cenas

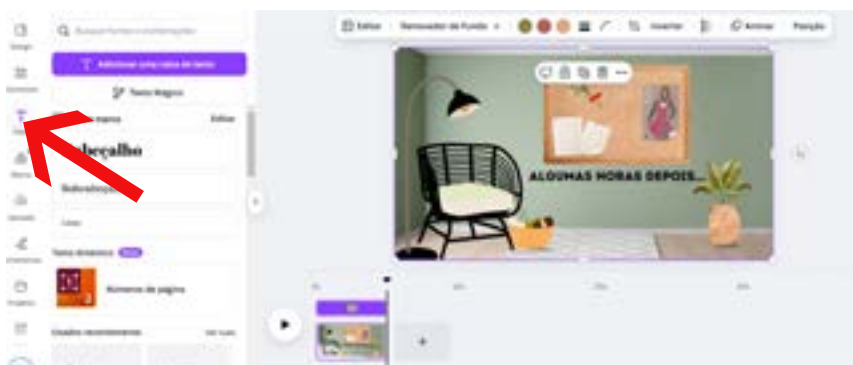
4. Criação do ambiente:

- Cada cena foi iniciada com a composição de um ambiente usando fotos e elementos gráficos do Canva. Em alguns casos, foi utilizado apenas um fundo colorido.



5. Inserção de texto:

- Para adicionar textos, clique na opção **“Texto”** e selecione um formato (utilizamos o formato cabeçalho). É possível editar a fonte, tamanho e adicionar animação ao texto.



6. Animação de elementos:

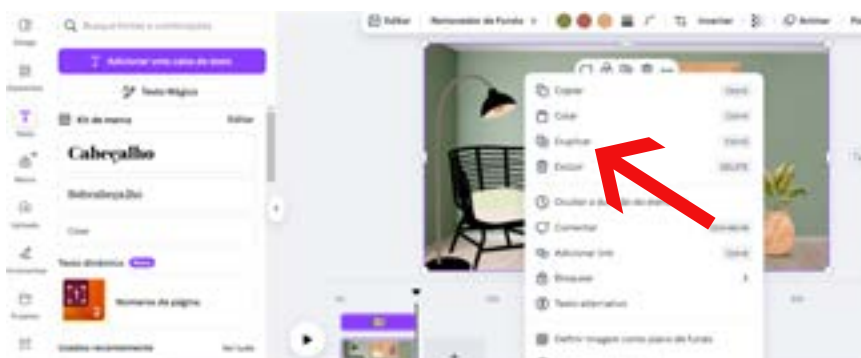
- A opção **“Animar”** permite dar movimento a textos e imagens. No exemplo, foi utilizada a animação **“Sopro”**.



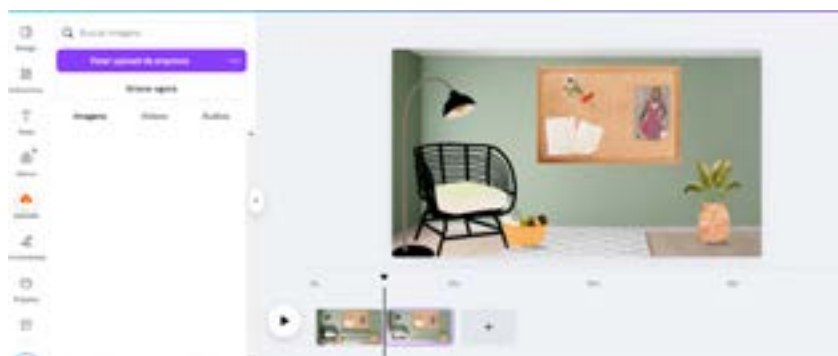
Adicionando personagens e objetos

7. Duplicar a imagem do ambiente:

- Para manter a cena estável, recomendamos fazer o **download da imagem e reimportá-la ao Canva** ou bloquear os elementos no ambiente (clcando sobre o elemento e acionando o ícone do cadeado).

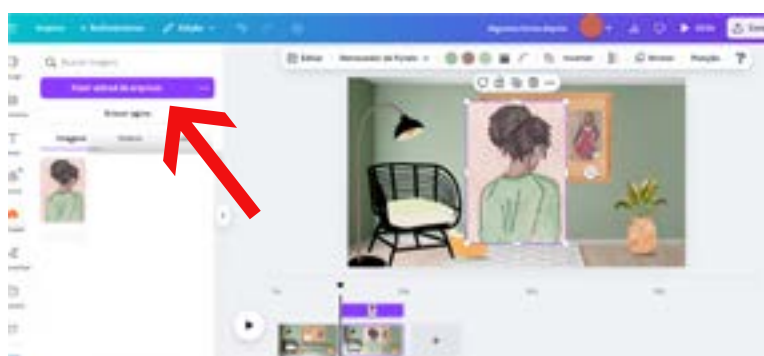


- Após a remoção do título, o ambiente do exemplo ficou pronto para a inserção da personagem desenhada e colorida à mão.



8. Inserindo personagens:

- Os desenhos das personagens foram feitos à mão e escaneados. Para inseri-los no Canva, clique em **“Fazer Upload de Arquivos”** e selecione a imagem desejada.

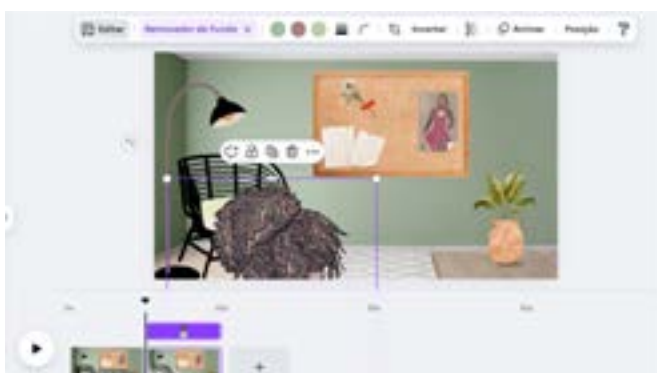
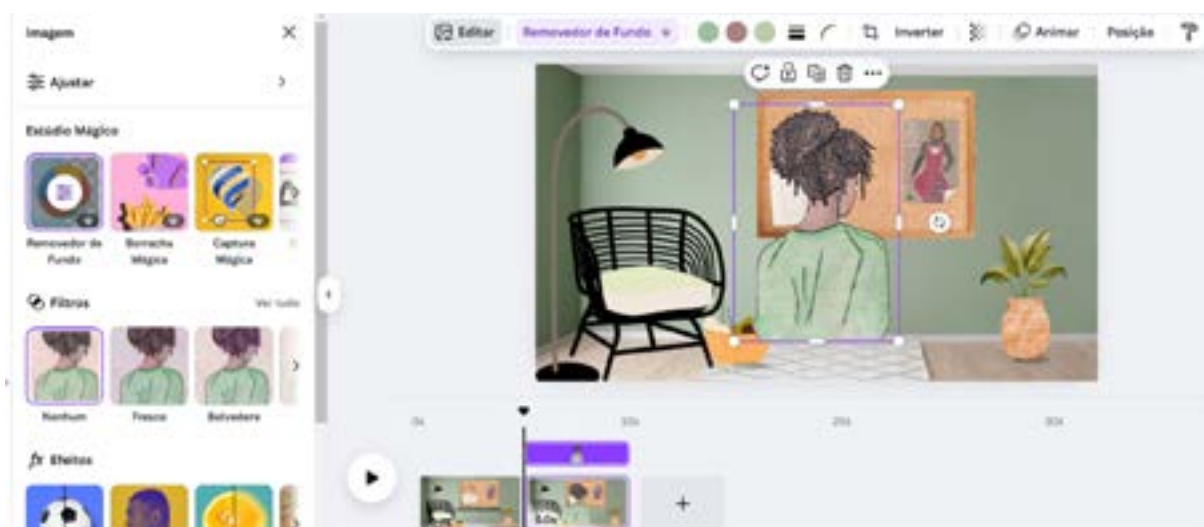
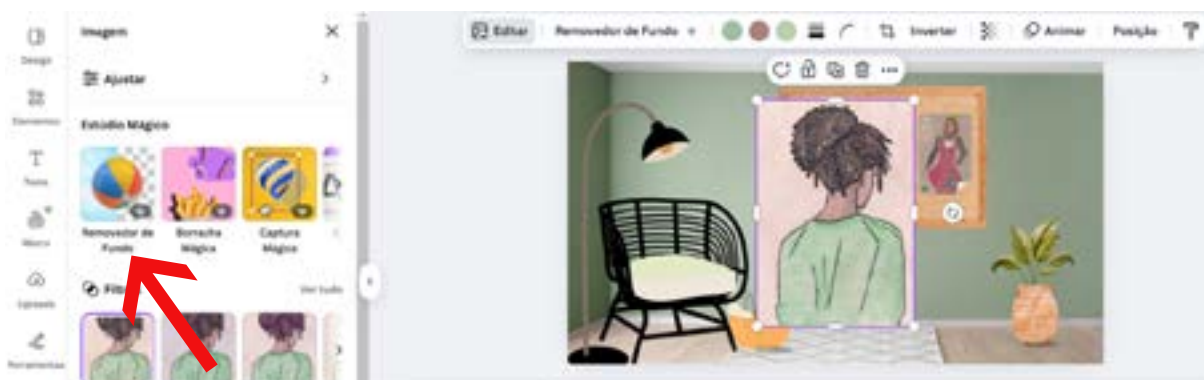


9. Removendo o fundo:

- Utilize a ferramenta “**Estúdio Mágico**” > “**Removedor de Fundo**” para integrar melhor a personagem à cena.

Observação:

O **Estúdio Mágico** oferece diversas opções interessantes, como a captura de imagem, que permite selecionar apenas uma parte da imagem, e a borracha mágica, que possibilita apagar detalhes específicos.

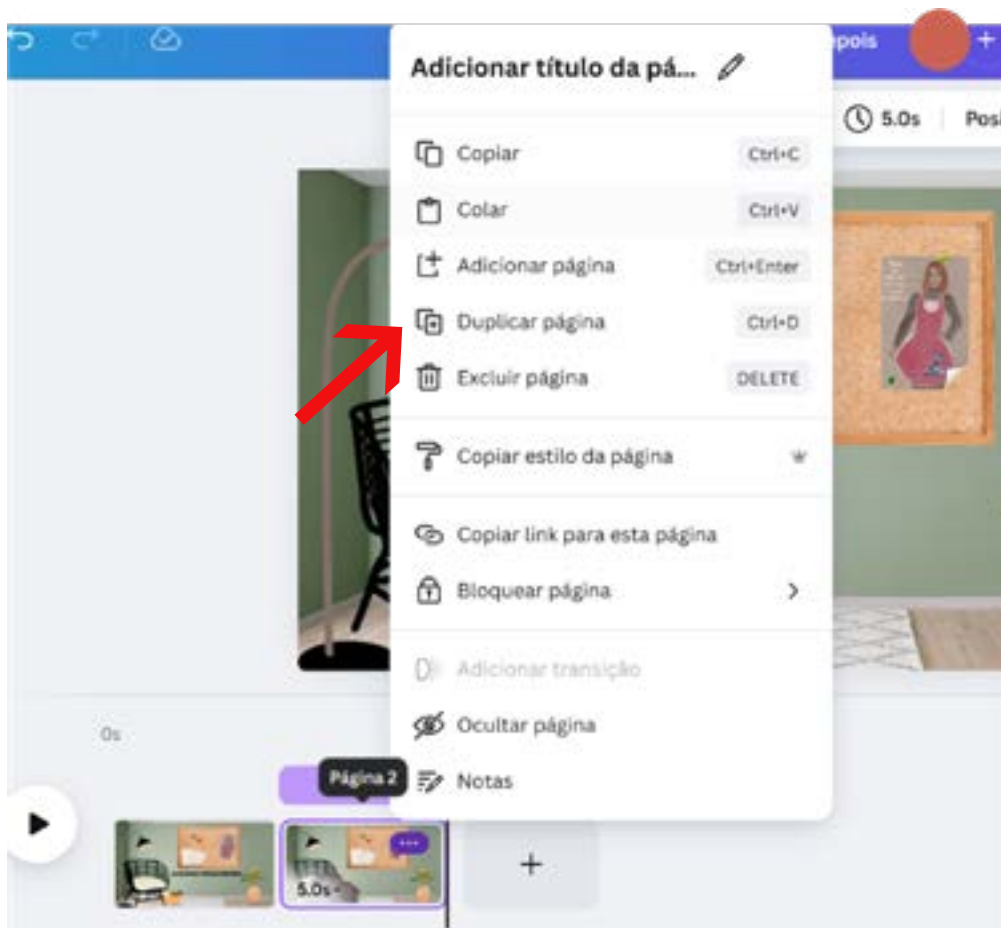


No exemplo ao lado, a imagem foi posicionada de forma a parecer que a personagem está entrando no ambiente.

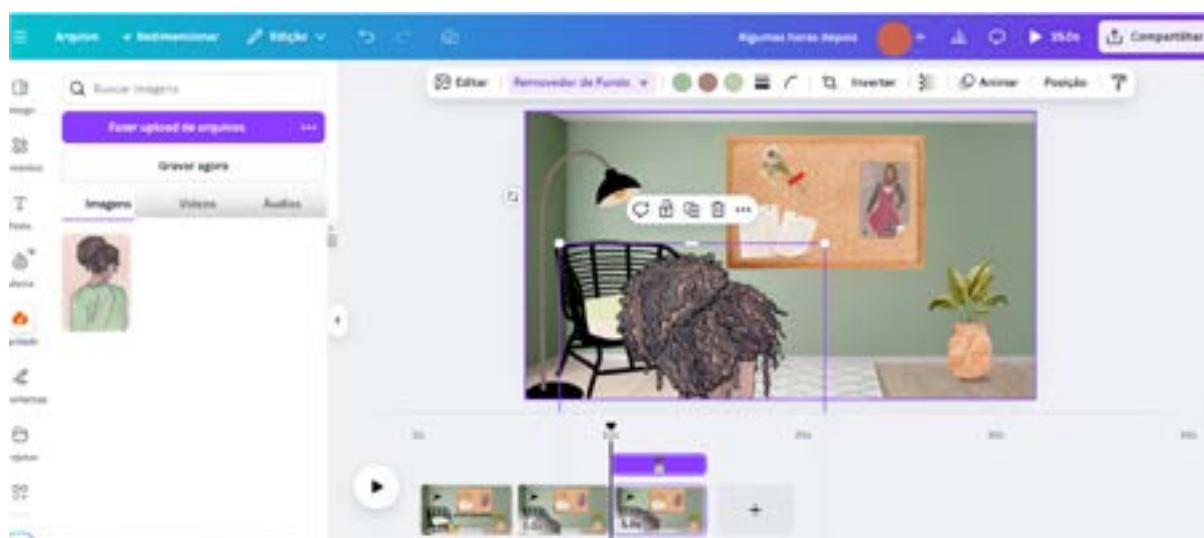
Animação quadro a quadro

10. Movimentando a personagem:

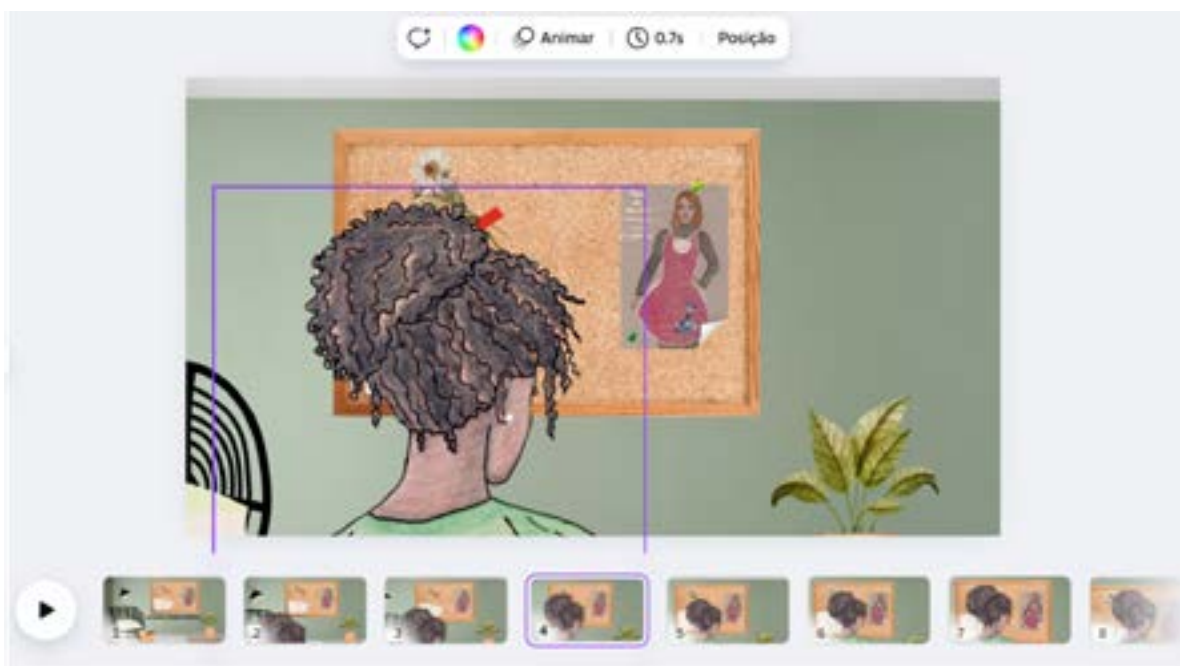
- A imagem foi duplicada várias vezes, ajustando sua posição quadro a quadro.



Na nova cena, movimentou-se a personagem um pouco.

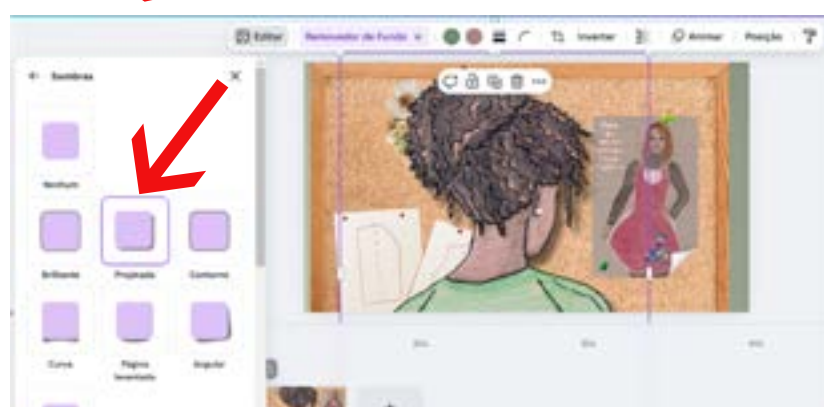
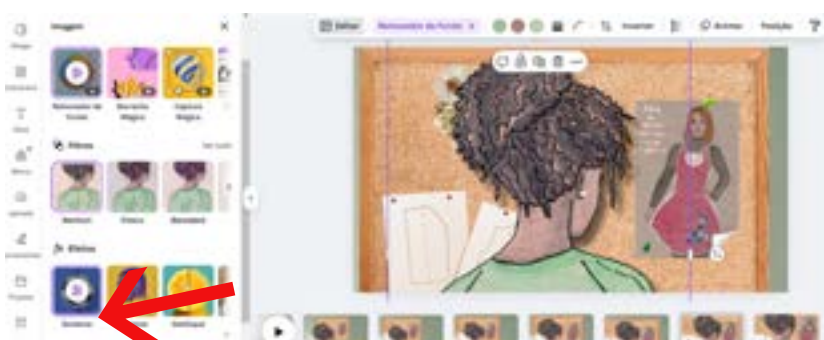


No caso desta cena, especificamente, foi feito o upload da imagem de fundo para que ela fosse ampliada a cada quadro.



11. Efeito de profundidade:

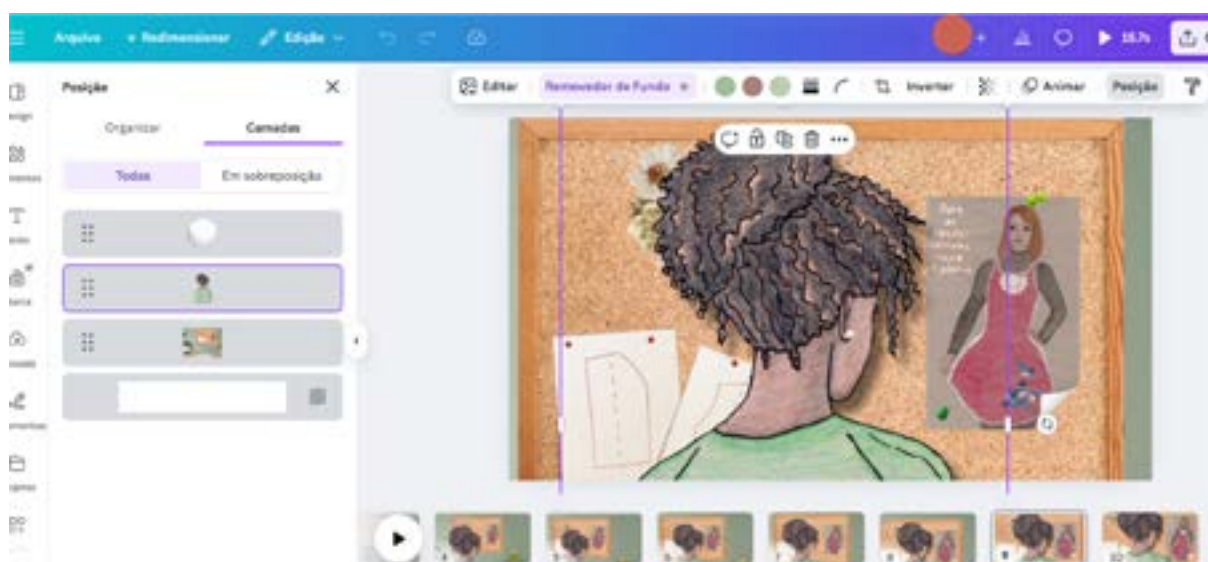
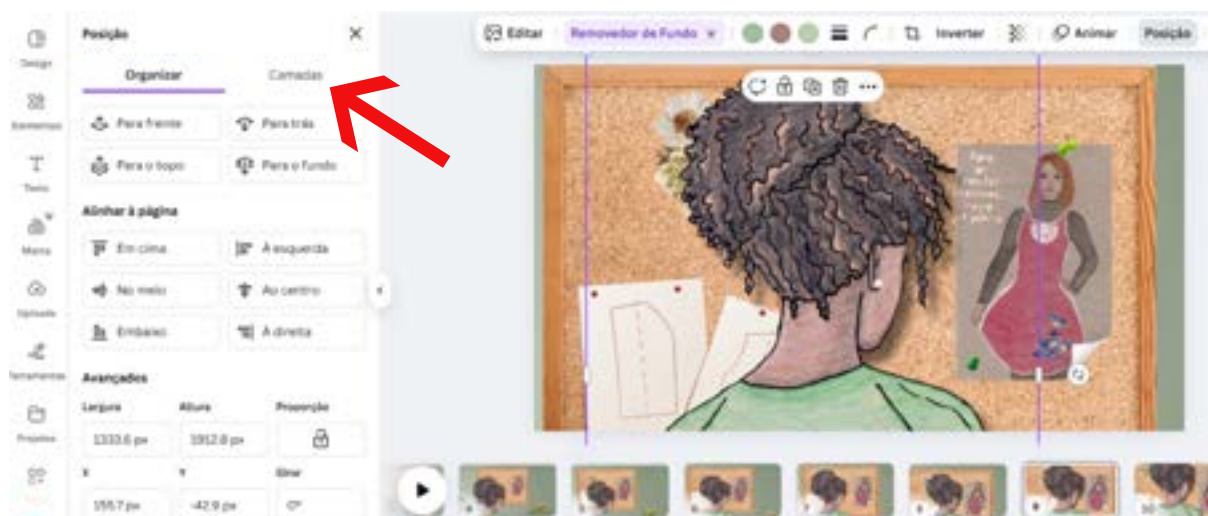
- Para aumentar o realismo, foi utilizada a ferramenta **“Sombra”**, projetando sombra conforme a personagem se aproximava do quadro de cortiça.
- É só selecionar a imagem e clicar em **“Editar”** > **“Sombra”**.



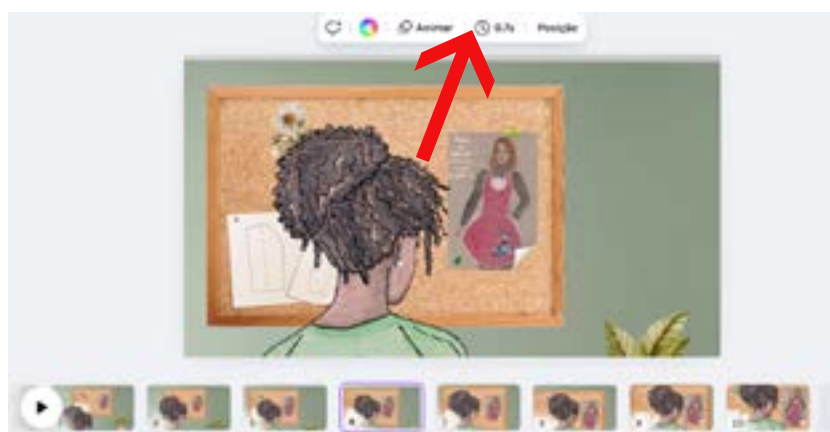
Foi escolhida a opção, sombra projetada. Existem várias opções.

12. Organização de camadas:

- A opção “Camadas” permite visualizar e organizar os elementos na cena.
- “Posição” > “Camadas”.



13. Ajustando a duração dos quadros:

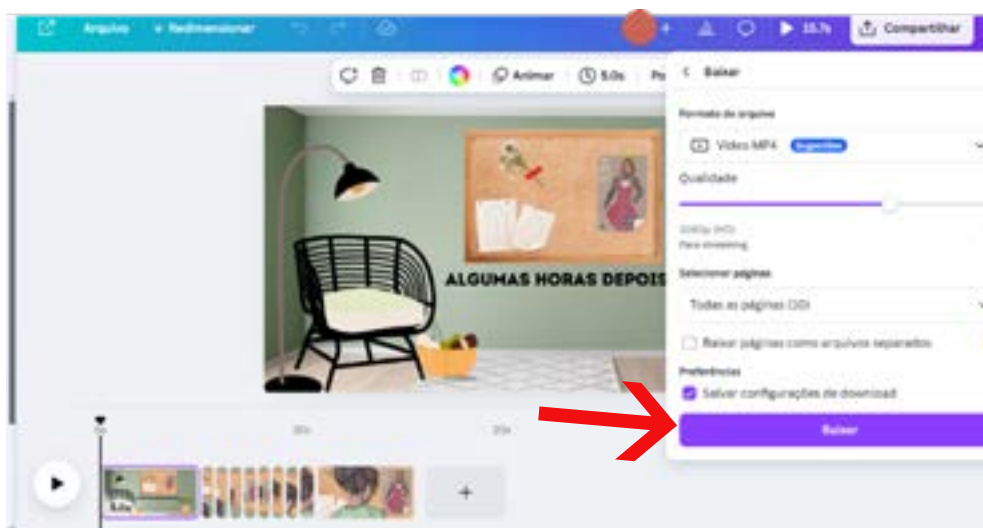
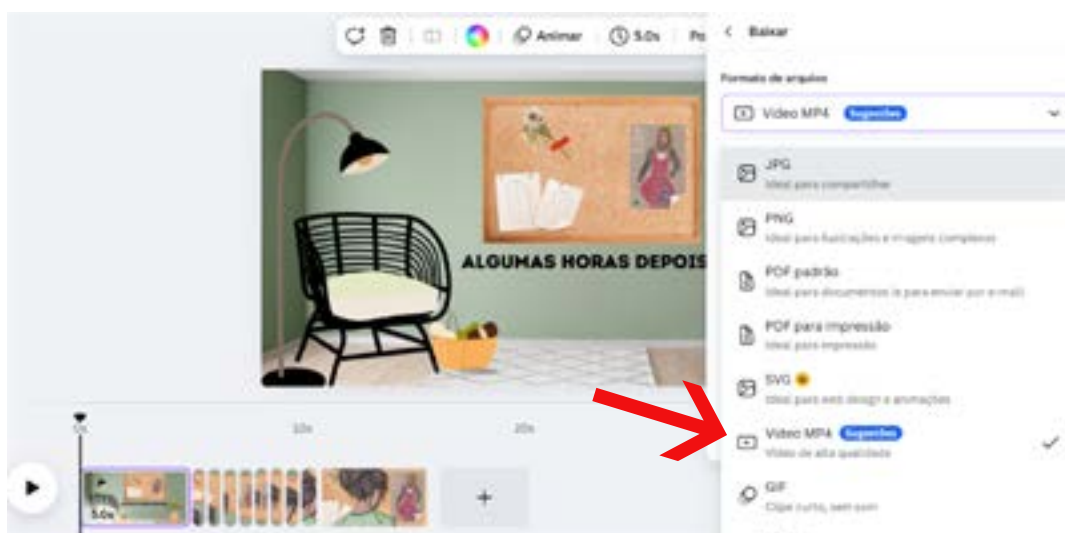
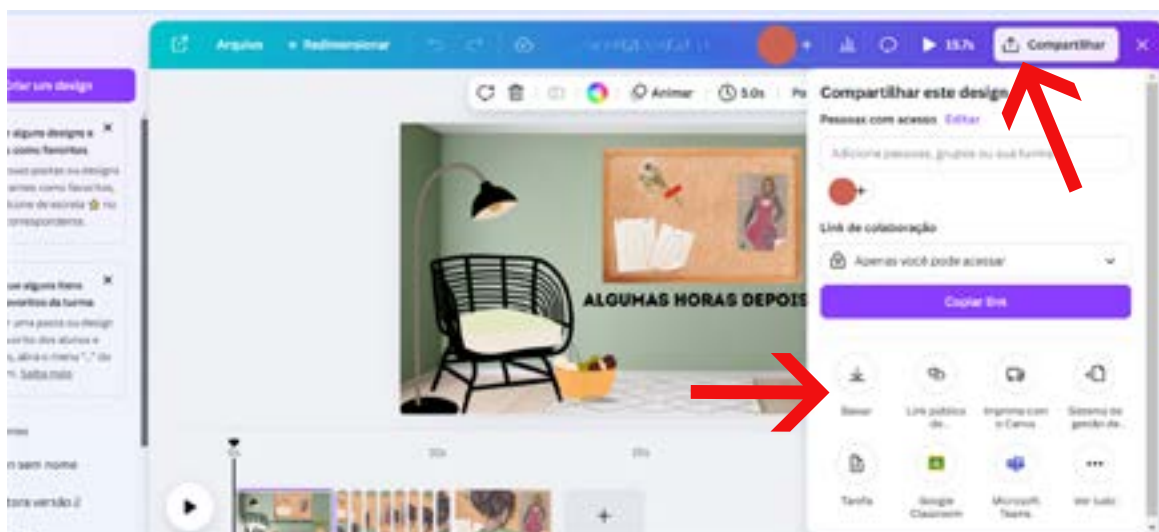


Utilize o ícone do relógio para definir o tempo de exibição de cada quadro.

Finalização do vídeo

14. Salvar o vídeo:

- Clique em “Compartilhar” > “Baixar” e selecione a opção “Vídeo MP4”.



Observações e outras funcionalidades importantes

Em algumas cenas, optou-se por trocar a imagem completamente, em vez de realizar pequenas mudanças na personagem de um quadro para outro. Para isso, foram desenhadas várias versões da personagem em diferentes posições e inseridas nos quadros, criando a sensação de movimento.

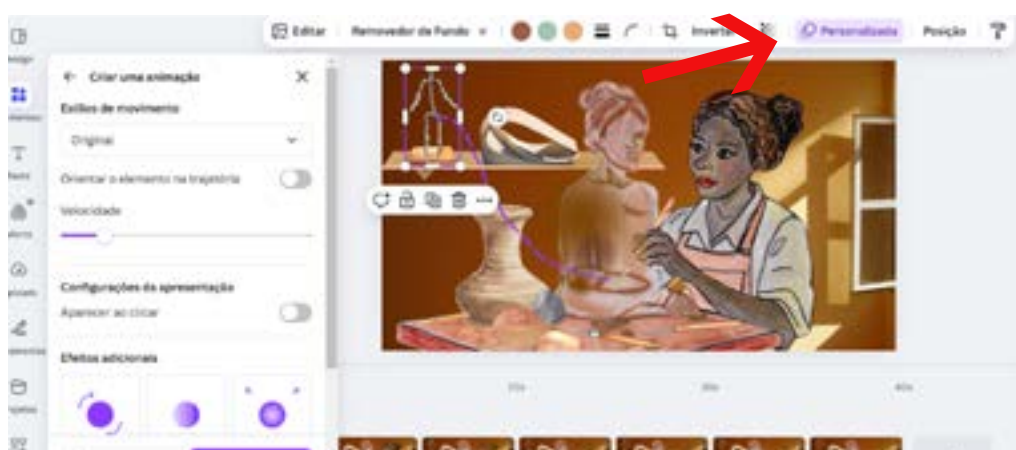
Um exemplo dessa técnica pode ser observado na sequência com o aspirador de pó no vídeo *Ressignificando o bordado com Itamara Ribeiro*, onde diferentes desenhos foram utilizados para transmitir a ideia de ação contínua.



14. Adicionando animações personalizadas:

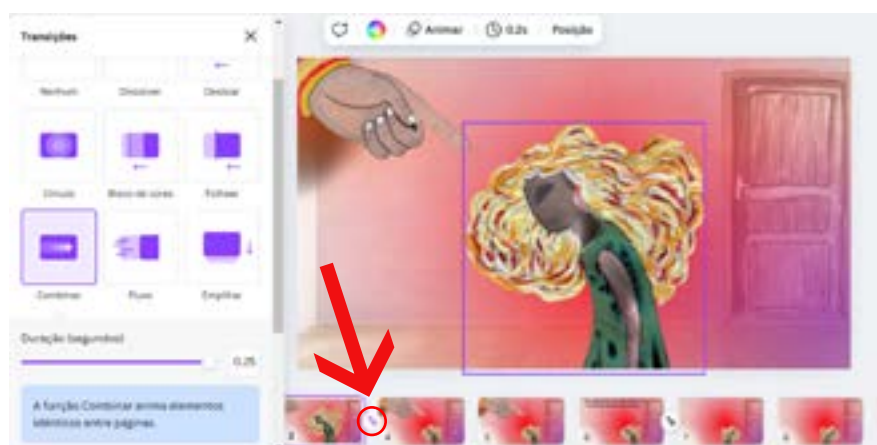
- Para criar trajetórias de movimento, clique em “Animar” > “Criar uma animação personalizada” e arraste o objeto selecionado criando um trajeto.

As imagens abaixo, são ilustrativas apenas.



15. Transição entre imagens:

- Clique entre os quadros caso queira adicionar uma transição entre eles.



A plataforma Canva também permite adicionar áudio, mas para esta série de vídeos, a edição final foi realizada no software Movavi, um programa pago já utilizado pela pesquisadora. No entanto, todo o processo poderia ter sido feito diretamente no Canva ou em outro editor gratuito.

A trilha sonora representou um desafio, pois a pesquisadora encontrou dificuldades para localizar músicas com licenças adequadas para remixagem e edição. Para solucionar esse problema, utilizou-se o recurso de criação musical por Inteligência Artificial do software Filmora e da plataforma gratuita Suno (<https://suno.com/>). A plataforma Suno mostrou-se altamente eficiente, permitindo a geração de músicas a partir de prompts, que foram posteriormente editadas e ajustadas conforme a necessidade de cada vídeo.

As imagens utilizadas na série de vídeos foram elaboradas a partir de desenhos e pinturas da pesquisadora Juliana Zarur, combinadas com elementos gráficos e imagens do Canva, disponíveis na versão gratuita para educadores.

Esse processo pode ser adaptado por professores e educadores interessados em criar animações para seus contextos de ensino, utilizando as ferramentas gratuitas do Canva para desenvolver materiais didáticos e pedagógicos de forma acessível e criativa.

Dica de Inteligência Artificial para Criação de Vídeos – Kling AI

Se você precisa animar desenhos rapidamente e não tem muito tempo para edição, o Kling AI (<https://klingai.com/>) pode ser uma alternativa interessante. A plataforma permite fazer upload de imagens e animá-las a partir de comandos de texto (prompts), com uma versão gratuita disponível.

Na série de vídeos, utilizamos o Kling AI para estudar os pequenos movimentos faciais das personagens das artistas recriadas em desenho ao final dos vídeos. Como havia poucas fotos disponíveis e os desenhos manuais estavam gerando variações muito grandes, a ferramenta ajudou a definir a identidade visual sem comprometer a coerência entre as representações. A partir dos vídeos gerados, foram criados os desenhos, que foram então animados quadro a quadro.

Imagens sequenciadas das animações

Invisibilidade



Nem toda a história é contada...



No campo da Arte
não é
diferente...



Quais artistas e obras não
chegamos a conhecer?





Quais artistas são maioria nos museus?



Não mais aceitar!
É preciso desvelar...



Ressignificando o bordado com Itamara Ribeiro







ELA ERA MUITO MAIS DO QUE AS TAREFAS DOMÉSTICAS QUE REALIZAVA.

TALVEZ, ELA ENFRENTASSE UMA DUPLA JORNADA DE TRABALHO: NO LAR E FORA DELE.





**ELA FOI EDUCADA
PARA
NÃO VER...**

**PARA CORRESPONDER
AO QUE ESPERAVAM DELA...**

**PARA ACREDITAR QUE
SÓ HAVIA UM CAMINHO...**



**ELA SE DEU CONTA DE QUE É
POSSÍVEL BORDAR OUTROS
CAMINHOS.**



**ESTA HISTÓRIA FOI
IDEALIZADA
A PARTIR DE OBRAS
DA ARTISTA
ITAMARA RIBEIRO.**



**ITAMARA RIBEIRO UTILIZA
PÁGINAS DE REVISTAS E DE
LIVROS, NÃO APENAS COMO
SUPORTE, ...**



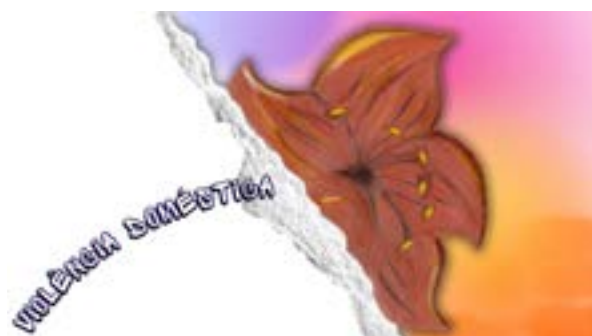
**MAS COMO PARTE INTEGRANTE DO
SEU TRABALHO, QUE REÚNE BORDADO,
DESENHO E COLAGEM.**



**QUE TAL PESQUISAR OUTRAS
OBRAS DA ARTISTA?**



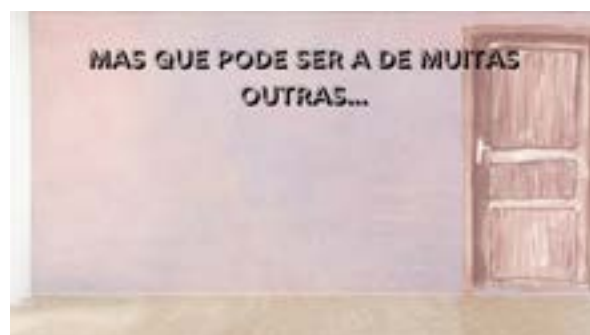
Florescendo com Negra Graffiti

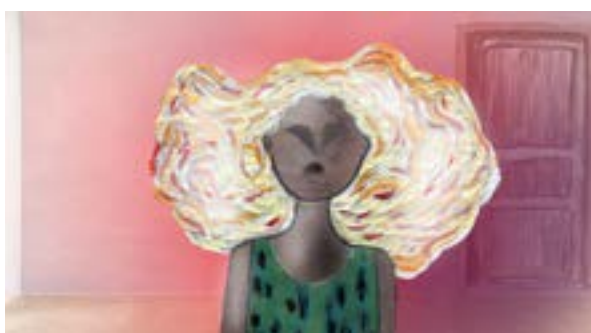
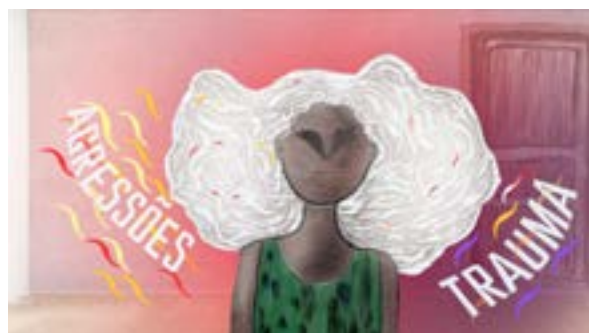
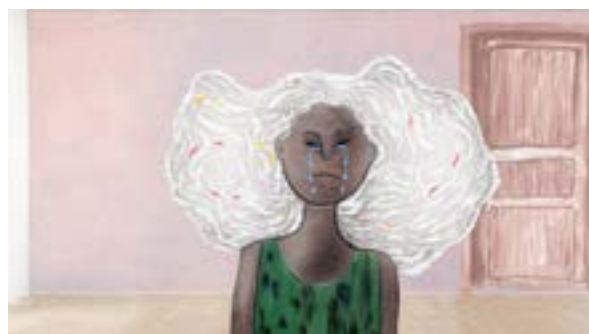
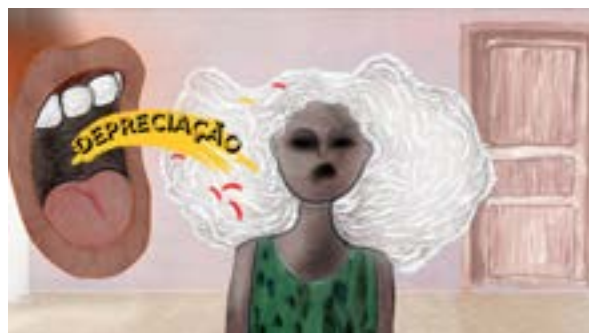


MAS HÁ MUITO POTENCIAL
QUE DEVE FLORESCER.



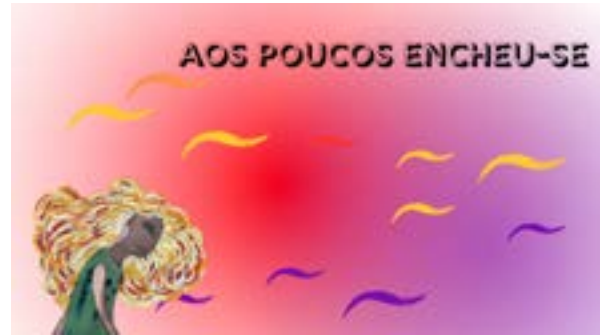
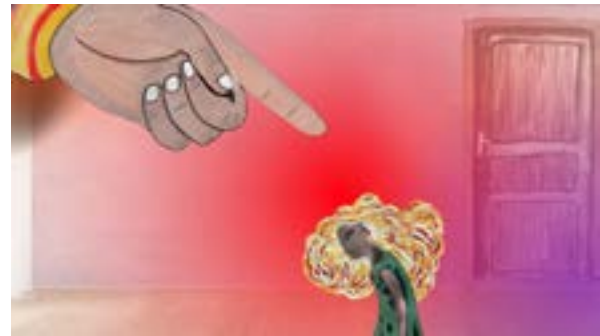
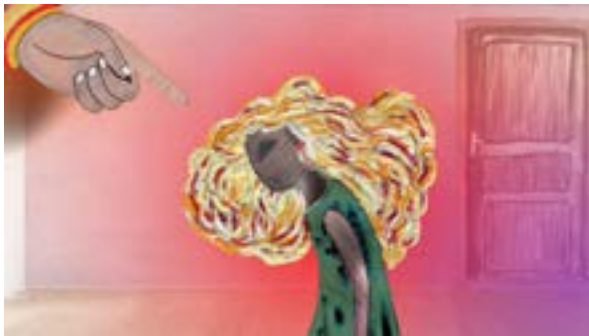
Pensando em Violência Moral com Roberta Holiday

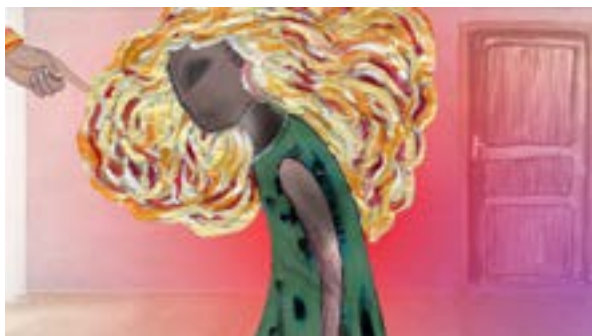




TALVEZ ELE FOSSE
O MARIDO,
O NAMORADO DELA,
OU...



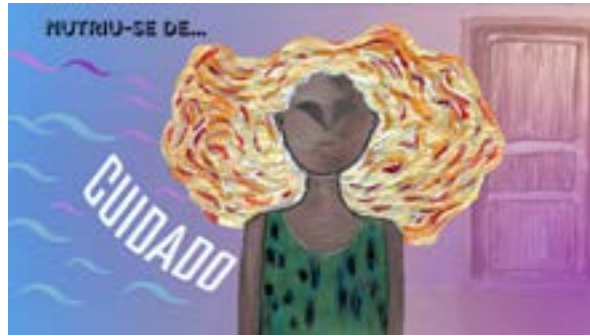
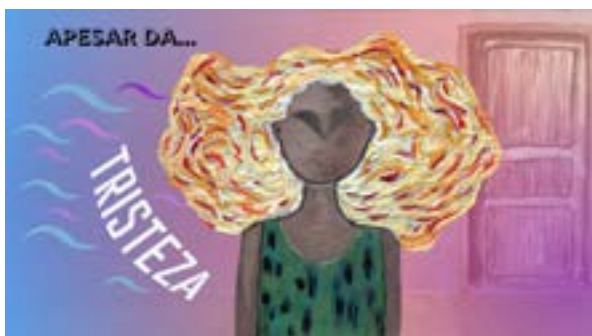




ELA SE DEU CONTA DE QUE O QUE ELA PENSA IMPORTA...

DE QUE O MODO COMO ELA VÊ O MUNDO INTERESSA...

DE QUE TEM VALOR.



ESTA HISTÓRIA FOI IDEALIZADA A PARTIR DO MURAL "VIOLÊNCIA MORAL", DA ARTISTA ROBERTA HOLIDAY.





O MURAL FAZ PARTE DO MUSEU VIVO NAMI, QUE FICA NA COMUNIDADE TAVARES BASTOS, NO RIO DE JANEIRO. VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DESSE MUSEU?

ROBERTA UTILIZOU CORES E PALAVRAS PARA SIMBOLIZAR AS DIVERSAS CAMADAS DA JORNADA DE UMA MULHER VÍTIMA DE VIOLÊNCIA MORAL.

JÁ PENSOU EM CONHECER OUTRAS OBRAS INSPIRADORAS DA ARTISTA?



Referências

ALCÂNTARA, Bruna. **Lambendo o @mis_pr**. 20 out. 2024b. Instagram: @brunaalcantara.00. Acesso em: 26 jan. 2025.

ALCÂNTARA, Bruna. **Que legal foi isso[...]**. 7 nov. 2024a. Instagram: @brunaalcantara.00. Acesso em: 26 jan. 2025.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a Base. Brasília: MEC; CONSED; UDIME, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 13 jun. 2024.

BRASIL. **Lei 14.986**, de 25 de setembro de 2024. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2024. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14986-25-setembro-2024-796400-publicacaooriginal-173212-pl.html>. Acesso em: 2 nov. 2024.

BRASIL. **Lei 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 24 nov. 2024.

BRASIL. **Lei 15.100**, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2025/Lei/L15100.htm. Brasília, DF, 13 jan. 2025. Acesso em: 26 fev. 2025.

E046 - Lei Maria da Penha: Violência Moral com Roberta Holiday e Dra. Catarina Souza. Rio de Janeiro: Rede Nami, 2022. 1 vídeo (6 min.). Publicado pelo canal Rede Nami. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zrtKLSJ7ngo> . Acesso em: 28 jan. 2025.

ESPAÇO ARTEDUCAÇÃO. **Poética, sensibilidade e crítica na nova exposição do Espaço Arteducação da FaE.** Pampulha, BH: Faculdade de Educação (UFMG), 21 out. 2023. Disponível em: www.fae.ufmg.br/espaco-arteducacao/poetica-sensibilidade-e-critica-na-nova-exposicao-do-espaco-arteducacao-da-fae/. Acesso em: 21 fev. 2025.

FONSECA, Raphael. **O estranho desaparecimento de Vera Chaves Barcellos.** Curadoria e texto: Raphael Fonseca. Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2023. 60 p. Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de 06/05/2023 a 30/07/2023. Disponível em: <https://iberecamargo.org.br/exposicao/o-estranho-desaparecimento-de-vera-chaves-barcellos/>. Acesso em: 14 fev. 2025.

GIUNTA, Andrea. **Feminismo y Arte Lationamericano:** história de artistas que emanciparon el cuerpo. 2. ed. Buenos Aires: Sigilo XXI, 2021.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HEssel, Katy. Figurativismo no século XXI. In: Hessel, Katy. **A história da Arte sem homens.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024, p.474-495.

HOLIDAY, Roberta. **Mural Violência Moral.** 2022. 1 mural.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019a.

hooks, bell. **Teoria feminista:** da margem ao centro. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019b.

KY, Laetitia. **Love and Justice.** 1 ed. Hudson, NY: Princeton Architectural Press, 2022, E-book Kindle.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MANUAL de defesa contra a censura nas escolas. 2. ed. [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <https://manualdedefesadasescolas.org.br/>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO (MASP). **GUERRILLA GIRLS: gráfica, 1985-2017.** São Paulo, (29 set. 2017 a 14 fev. 2018). Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em: 22 dez. 2024.

NEGRA GRAFFITI. **Atenção Mulheres[...].** 30 de dez. 2024b. Instagram: @negra_graffiti. Acesso em: 28 dez. 2024.

NEGRA GRAFFITI. **Nos deixem viver... Queremos Florescer [...]**. 9 jun. 2023b. Instagram: @negra_graffiti. Acesso em: 28 dez. 2024.

NEGRA GRAFFITI. [Sem título]. 2023a. 1 grafite. Instagram: @negra_graffiti. Acesso em: 28 dez. 2024.

NEGRA GRAFFITI. [Sem título]. 2023c. 1 pintura. Instagram: @negra_graffit. Acesso em: 28 dez. 2024.

NEGRA GRAFFITI. [Sem título]. 2024a. 1 grafite. Instagram: @negra_graffiti. Acesso em: 28 dez. 2024.

NOSOTRAS PROPONEMOS. **Nós propomos**. Argentina: [2017?] Disponível em: <https://nosotrasproponemos.org/nos-propomos/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

PLP_RedeNacional. **@carol.nanda88 gravou[...]**. 24 de jan. 2025. Instagram: @plp_rede_nacional. Acesso em: 28 jan. 2025.

PRÊMIO PIPA. **“Cartas Para o Futuro” traz intervenções em fotografias de coleções do mis-pr**. Rio de Janeiro: Instituto PIPA. 2 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/2024/07/cartas-para-o-futuro-traz-intervencoes-em-fotografias-de-colecoes-do-mis-pr/>. Acesso em: 26 jan. 2024.

POULAIN, Alexandra. Self-portrait as Epistemic Disobedience: Zanele Muholi's Somnyama Ngonyama. **InMedia** [Online], v. 8, n. 2, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/inmedia/2409> . Acesso em: 28 out. 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLASCO, Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf . Acesso em: 12 dez. 2023.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Souza; Menezes, Maria Paula (org.). **Epistemologias do Sul**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 84-127.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, Itamara. **A mulher e o lar**. 2015. 1 obra híbrida. Disponível em: <https://medium.com/toroeditorial/a-mulher-e-o-lar-a-arte-de-itamara-ribeiro-b3159b7ce520>. Acesso em: 8 mar. 2025.

RIBEIRO, Itamara. **Para as tarefas caseiras muita elegância**. 2023a. 1 obra híbrida. Instagram:@itamarasribeiro. Acesso em: 3 out. 2024.

RIBEIRO, Itamara. **Um lar onde o marido é rei**. 2023b. 1 obra híbrida. Instagram:@itamarasribeiro. Acesso em: 3 out. 2024.

REDE NAMI. **Bem-vinda à rede Nami!** Rio de Janeiro: [2017?]. Disponível em: <https://redenami.com/>. Acesso em: 1 fev.. 2024.

TRIZOLI, Talita. **Atravessamentos feministas**: um panorama de mulheres artistas no Brasil dos anos 60/70. Tese (doutorado em educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Profissão Artista**: pintoras e esculturas acadêmicas brasileiras. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019.

UNESCO. **Marco da educação 2030**: Declaração de Incheon. Incheon, Coréia do Sul: UNESCO, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000243278_por . Acesso em: 10 jul. 2023.